

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**DANIELA ABRÊU FERNANDES**

**A CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA DO JOVEM TRABALHADOR NA  
RELAÇÃO COM A FAMÍLIA, A ESCOLA E O TRABALHO**

**BRASÍLIA – DF**

**Julho 2011**



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**A CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA DO JOVEM TRABALHADOR NA  
RELAÇÃO COM A FAMÍLIA, A ESCOLA E O TRABALHO**

**DANIELA ABRÊU FERNANDES**

Trabalho final de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia à Banca Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Doutora Maria da Conceição da Silva Freitas.

**BRASÍLIA  
2011**

# **A CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA DO JOVEM TRABALHADOR NA RELAÇÃO COM A FAMÍLIA, A ESCOLA E O TRABALHO**

Trabalho final de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia à Banca Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Doutora Maria da Conceição da Silva Freitas.

**BRASÍLIA, 15 de julho de 2011.**

## **BANCA EXAMINADORA**

---

**Professora Doutora Maria da Conceição da Silva Freitas  
Universidade de Brasília – Faculdade de Educação (orientadora)**

---

**Professora Doutora Olgamir Francisco de Carvalho  
Universidade de Brasília – Faculdade de Educação**

---

**Professor Doutor José Zuchiwschi.  
Universidade de Brasília – Faculdade de Educação**

**Dedico este trabalho a todos que estiveram presente nessa caminhada universitária em especial aos meus pais, amigos e familiares.**

## **AGRADECIMENTOS**

Jesus, Te agradeço primeiramente por ter me concedido a alegria de usar o dom da vida e a inteligência para fazer o bem. Agradeço-te por estar comigo em todos os momentos, por guiar os meus passos no caminho à universidade e me acalmar nos meus medos. Por se fazer presente nos meus amigos e professores usando-os como instrumento para o meu crescimento pessoal, profissional e espiritual. O Senhor sabe como entrei e como estou saindo. Agora crescida quero usar os Teus ensinamentos para construir pessoas humanas.

Obrigada meu paizinho Arnor e minha mãezinha Ely. Vocês confiaram em mim, me ajudaram a crescer. Obrigada por esperar todos os dias meu retorno da universidade e hoje se alegrarem por essa conquista.

Agradeço a minha amiga Tilla, com você aprendi que cada coisa tem seu tempo. Aprendi a ser confiante e não ter medo de sonhar com um futuro melhor, não ter medo de fazer das utopias mais próximas de realizações. Obrigada por estar comigo durante essa trajetória universitária e tornar nossa amizade para além dos muros da faculdade.

Agradeço ao meu namorado Ney e as minhas irmãs Manoela e Maria Aparecida, que estiveram comigo desde a minha preparação para o vestibular, que confiaram em mim e me ajudaram a conquistar mais um objetivo.

Agradeço de coração à Elaine, Alessandra, Lidiany e Edilma por todos os dias de alegria, de trabalho e realizações que me concederam. Agradeço a Deus por cada uma de vocês.

Agradeço a todos os menores aprendizes do Banco Central que me deram a oportunidade de conviver com as experiências e histórias de vidas que carregam.

Muito obrigada aos alunos do Programa Pós – alfabetização do BC. Vocês me acolheram e me ensinaram que nunca é tarde para aprender, sonhar e crescer.

Muito obrigada à professora Doutora Maria da Conceição, por ter me dado à oportunidade de estudar várias abordagens em Orientação Educacional e Orientação Vocacional o que contribuirá significativamente para a minha trajetória profissional.

**"Senhor, tu me conheces. Sabes onde nasci, sabes de onde venho. Sabes quem sou. Conheces minha profissão: Sou professor. Desde criança, tinha em mim um imenso desejo de ensinar. Queria partilhar vida, sonhos. Queria brincar de reger. Reger bonecos. Plantas. Reger as águas do mar que desde cedo aprendi a namorar. A todos ensinava, Senhor. Criava e recriava histórias para senti-las melhor, para reparti-las com quem quisesse ouvir. Eu era um professor. Fui crescendo e percebi o quanto o sonho era real. Queria ensinar mesmo. Estudei. Concluí o curso universitário. Hoje sou, de fato, um professor (...) não são bonecos que me ouvem, são crianças. Dependem tanto de mim. Do meu jeito. Do meu toque. Do meu olhar. São crianças ávidas de aprender. E de ensinar. Cada uma tem um nome. Uma história. Cada uma tem um ou mais medos. Traumas. Têm sonhos. Todas elas crianças queridas, sonham. E eu. Eu, Senhor, sou um gerenciador de sonhos. Sou um professor. Obrigado Senhor. Escolhi a profissão certa. Escolhi a linda missão de partilhar. (...) Sou inteiro. Inteiro nas lágrimas e no sorriso. Inteiro no ensinar e no aprender. Sei que meus alunos precisam de mim. E eu preciso deles. E por isso somos tão especiais. E nesta nobre missão de educar, nossa humanidade se enriquece ainda mais. Sou professor. Com muito orgulho. Com muita humildade. Com muito amor. Sou professor! Amém!"**

**(GABRIEL CHALITA, 2009)**

**“O Senhor nos colocou neste mundo para os outros”. Dom Bosco**

**FERNANDES, Daniela Abrêu. Orientação Vocacional: A construção da autonomia do jovem trabalhador na relação com a família, a escola e o trabalho.** 2011 p.59 Monografia (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação – Universidade de Brasília – UNB, Brasília – DF.

## **RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo geral investigar a construção da autonomia do jovem trabalhador na relação com a família a escola e o trabalho. Tendo em vista a importância dessa construção para a formação de um adulto consciente de seus atos e comprometido com o desenvolvimento de seu futuro sendo sujeito ativo em sua história. A pesquisa foi realizada pela aplicação de questionários em um grupo de 40 jovens todos sendo menores aprendizes amparados pela Lei do menor trabalhador e estudantes. O trabalho está estruturado em três partes. A primeira parte abrange a reflexão do que é ser jovem, o trabalho na juventude, a autonomia x independência, e a normatização brasileira do trabalho na juventude. A segunda parte relaciona o jovem com a família, a escola e o trabalho. Também apresenta algumas ideias da transição para a vida adulta. Na terceira e última parte são apresentados os dados da pesquisa empírica, assim também como a análise e as considerações finais. No resultado da pesquisa se observa que em diferentes contextos os jovens exercem e desenvolvem sua autonomia o que colabora para a construção de sua identidade na convivência com o outro.

**Palavras-chave:** Juventudes. Autonomia. Trabalho.

**FERNANDES, Daniela Abrêu. Le construction de l'autonomie des jeunes ouvrier dans la relacion avec la famille, l'école et le travail. 2011 p.59 Monografia (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação – Universidade de Brasília – UNB, Brasília – DF.**

## **RESUMÉ**

Le objectif de ce travail est enqueter sur le co\Anstruction de la autonomie des jeunes ouvrier dans la relacion avec la famille, l'école et le travail. Compte tenu des l'importance de la construction de formation un adulte conscient de leurs actes et compromise avec le développement de leur future l'activité dans son matière de histoire. L'enquête a été menée avec l'application des questions dans um grupe de 40 jeunes. Les apprentis mineurs son aussi etudiantes. Le monographie être structuré en trois parties. Le premier partie, couvre la réflexion ce qui est d'être jeune, le travail dans les jeunesse, l'autonomie x independencia, et la normalization brasileira de le travail dans la jeunesse. Le deuxième partie fait la relation les jeunes avec la famille, l'école et le travail. Présent aussi certains idées dans la transition pour la vie adulte. Le troisième et dernière partie sont présentés les données de recherche empirique, l'analyse et les considérations finales. Le résultat de la recherche si notes que, dans des contextes différents les jeunes poursuivre et développer son autonomie ce qui contribue à la construction de son identité dans la convivialité avec les autres.

**Mots clés :** Jeunes. Autonomie. Travail.



## **LISTA DE SIGLAS**

**CESAM** – Centro Salesiano do Menor

**BC** – Banco Central do Brasil

**BACEN** – Banco Central do Brasil

**OE** – Orientação Educacional

**OVP** – Orientação Vocacional Profissional

## Lista de Tabelas

**Tabela 1** – Idade e Sexo ..... 38

**Tabela 2** – Escolaridade ..... 39

# Sumário

<b>PRIMEIRAS PALAVRAS</b> .....	13
<b>MEMORIAL</b> .....	15
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	21

## **PARTE 1 – O JOVEM TRABALHADOR: A CONSTRUÇÃO DE SUA AUTONOMIA**

1.1 O que é ser jovem?.....	25
1.2 O trabalho na juventude .....	26
1.3 A normatização do trabalho na juventude – Lei do Menor Aprendiz.....	28
1.4 Autonomia e Independência .....	30

## **PARTE 2 – O JOVEM TRABALHADOR NA FAMÍLIA, NA ESCOLA E NO TRABALHO**

2.1 Novos arranjos familiares e a construção de uma autonomia.....	31
2.2 O desenvolvimento de uma autonomia no espaço escolar e no trabalho.....	32
2.3 Transição para a vida adulta .....	34

## **PARTE 3 – A RELAÇÃO DO JOVEM TRABALHADOR COM A FAMÍLIA, A ESCOLA E O TRABALHO: O DESENVOLVIMENTO DE UMA AUTONOMIA**

3.1 Apresentação.....	36
3.2 Justificativa da escolha da população .....	36
3.3 Metodologia .....	36
3.4 Apresentação e análise dos dados .....	38

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>51</b>
<b>PERSPECTIVAS DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL.....</b>	<b>53</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>54</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>57</b>

## **PRIMEIRAS PALAVRAS**

A escolha do tema deste trabalho - Orientação Vocacional: a construção da autonomia do jovem trabalhador na relação com a família, a escola e o trabalho; se deu pela experiência pessoal e com o trabalho juntamente com menores aprendizes do Banco Central.

A realidade desses jovens abarca muitas questões a serem analisadas de forma que influenciam diretamente na transição para a vida adulta. Como serão esses jovens na construção de sua família, de sua vida profissional e educacional? De quais formas a escola o trabalho e a família podem contribuir para esse adulto em formação? Esses foram alguns dos muitos questionamentos pessoais durante a convivência de um ano e seis meses junto a esses jovens.

A partir dessa problemática percebe-se que a autonomia é uma das grandes questões que estaria envolvida na transição da juventude para a vida adulta. A tomada de decisões que está presente em toda a trajetória da vida humana, na juventude ainda está em construção. Dessa forma, isso influenciará na escolha profissional, nos caminhos a serem seguidos e nas atitudes a serem tomadas. Isso demanda que a escola, a família e o trabalho sejam também responsáveis por essa construção.

Nessa perspectiva os sujeitos de estudo definidos foram: alunos trabalhadores com a idade entre 16 e 17 anos, participantes do Programa Despertar desenvolvido no Banco Central com mediação do CESAM. Esses jovens se enquadram na Lei Trabalhista nº 10.097/00.

A coleta de dados dessa pesquisa foi realizada através de aplicação de questionários que permitiu perceber o tipo de relação entre a escola e o aluno trabalhador e ampliar a reflexão sobre esta temática.

O que possibilitou o desenvolvimento dessa pesquisa foi inicialmente a disciplina de Pesquisa e Práticas na Orientação Educacional onde minha amiga Tilla e eu investigamos sobre o acompanhamento pedagógico dos adolescentes trabalhadores com a seguinte problemática: Há acompanhamento pedagógico do aluno trabalhador em relação Trabalho x Escola?

Nessa mesma temática, a disciplina Tópicos Especiais em Orientação Educacional possibilitou conhecer muitos autores como: Frigotto (2004), Papa (2006), e

Pochmann (2006) entre outros que também serviram como base teórica para essa investigação. Essas duas disciplinas foram ministradas pela professora Doutora Maria da Conceição em que foi orientadora nessa pesquisa.

Por fim, conhecer o mundo do jovem e a construção de sua autonomia também é responsabilidade da escola, da família e do trabalho, pois é nesses contextos que o jovem vive e compartilha experiência de aprendizagem que contribuirão para a sua formação para a vida adulta.

## Memorial

Ser professora é um sonho que a cada dia se torna realidade. Um sonho que desde minha infância convivia nas minhas brincadeiras, no cuidar do outro, no querer aprender para conhecer sempre mais.

Chegar à Universidade não foi uma tarefa fácil. No fim do ensino médio prestei vestibular e não fui aprovada. Acreditava que, o motivo da minha reprovação tendo sido a falta de tempo para conseguir conciliar o estágio com os estudos. No terceiro ano do ensino médio fiz um estágio no Ministério Público do Distrito Federal e Territórios. A partir dessa nova etapa da minha vida tive que organizar meu tempo para conciliar o trabalho e os estudos. Percebi então, o quanto era difícil uma rotina com todos os horários preenchidos. Além do mais, era ano do vestibular e de escolhas importantíssimas quanto a minha vida profissional.

No estágio, eu não tinha orientação formal de outras pessoas que pudessem me aconselhar sobre a minha inserção no mercado de trabalho, mas, a experiência profissional me ajudava a conhecer os acontecimentos do dia-a-dia de um ambiente de trabalho. Na escola, poucas eram as pessoas que estavam pensando em fazer uma faculdade. Na família, havia pressão para a aprovação no vestibular.

Essa experiência me levou a refletir no quanto é necessário um acompanhamento de pessoas mais experientes que estão envolvidas no trabalho, na família e na escola. Questionei-me por várias vezes sobre o papel da escola no acompanhamento pedagógico dos alunos que são trabalhadores e por sua vez o olhar do aluno trabalhador para as novas experiências que diversos contextos proporcionam.

Passei seis meses me preparando para o outro vestibular em que fui aprovada. Com o passar do tempo percebi que minha reprovação não foi motivada pelo trabalho, mas porque não consegui organizar o meu tempo. E hoje percebo o quanto o estágio me ajudou a desenvolver a autonomia de buscar propósitos quanto a minha vida profissional, de conhecer o ambiente de trabalho e a de conviver com as diferenças, além de poder ajudar financeiramente nas despesas da casa. Durante a faculdade me indaguei por diversas vezes qual seria minha atitude como educadora para auxiliar os alunos trabalhadores no alcance de seus ideais? Quais as dificuldades que enfrentam esses alunos trabalhadores? E quais são os aprendizados que a experiência do trabalho oferece para o seu crescimento?

Comecei a perceber os diversos autores que participam da construção de nossa história e qual seria a importância da presença de pessoas especiais em momentos importantes de nossas vidas. A minha família foi de extrema importância nesse momento de escolhas na busca de oportunidades e desafios. Saber que existem pessoas que torciam pelo meu sucesso e sempre me dando forças para encontrar o caminho a seguir foi essencial para a construção de meus ideais. Por isso, constantemente me indaguei, até que ponto a educação familiar contribui para a formação de um jovem cidadão?

O envolvimento da família na construção da nossa história passada e futura repercute no corpo emocional. Perpassa o sentimento de medo do desconhecido, de adaptação a uma nova realidade com novas teorias e práticas, de vitória na aprovação, mas, vem também a alegria de usar a existência para conhecer e aprender com o próximo no desafio do dia-a-dia.

No meu primeiro semestre, cursei Antropologia da Educação, disciplina na qual aprendi a reconhecer as diferenças que abarca o ser humano e como educadora promover uma educação para a paz, por meio do diálogo e do compromisso com a sociedade na formação de pessoas participativas e conscientes de seus direitos e deveres.

A disciplina Perspectivas do Desenvolvimento Humano também, cursada nesse semestre, me possibilitou conhecer as fases da vida do ser humano desde o nascimento até o envelhecimento perpassando pela primeira infância, segunda infância, adolescência, idade adulta. A essas fases vieram aliados grandes teóricos como Erikson, Freud, Vygotsky, Miller entre outros. O que mais me chamou atenção foi a fase da adolescência, com as grandes transformações e a necessidade de orientação e acompanhamento. O estudo sobre essa fase me despertou o interesse em querer conhecer mais sobre a juventude.

Naquele semestre cursei o Projeto I – Orientação Acadêmica Integral que me deu a possibilidade de conhecer o funcionamento da Universidade e do curso de pedagogia. Mas, percebo que conhecer a UnB não se restringiu a essa disciplina. Deu-se com as experiências de todos os dias. Os desafios que me eram impostos a cada semestre me fizeram perceber como esse lugar contribuiu para o meu crescimento pessoal e profissional. E a cada novo semestre percebia a importância da minha função dentro da sociedade e a responsabilidade dos meus estudos para a formação de um futuro melhor.

A disciplina de Oficina Vivencial me levou a refletir sobre a vivência na condição humana no sentido da vida, do trabalho, do amor e do relacionamento social. E na leitura da



crônica “*Nosotros*” de Mario Sergio Cortella aprendi a pensar no outro não como um estranho, mas está disposto a reconhecer e aprender com as diferenças de cada sujeito.

No segundo semestre do curso fiz a disciplina História da Educação em que estudei sua trajetória em diferentes correntes historiográficas na abordagem do Positivismo e Marxismo. Essa disciplina me possibilitou perceber as mudanças que acontecem em nossa sociedade com o passar do tempo e a contextualizar os aspectos da educação atual.

Nesse semestre também cursei o Projeto II em que aprendi como está organizado o plano pedagógico da Faculdade de Educação. Achei interessante o formato teórico dos projetos, mas com o passar do tempo, percebi que na prática essa organização não ocorria da maneira desejada, pois para alguns temas não havia todas as fases dos projetos.

Outra disciplina também cursada nesse semestre foi O Educando com Necessidades Especiais – primeira disciplina em que conheci melhor o trabalho do pedagogo para a construção de uma sociedade inclusiva no respeito às diferenças.

No terceiro semestre cursei a disciplina Organização da Educação Brasileira que foi de grande relevância para minha formação profissional. Nela eu tive a oportunidade de escrever um ensaio com o tema Evasão Escolar no Ensino Médio, que abordava as possíveis causas que levam os jovens a deixarem a escola como, por exemplo, a troca dos estudos pelo trabalho. Questionava-me quais as providências que a escola tomava para conseguir que o aluno trabalhador conciliasse essas duas tarefas sem ser prejudicado com um baixo nível de ensino ou ter que deixar a estudos.

Em Fundamentos da Didática tive a possibilidade de refletir sobre “*A educação ontem, hoje e amanhã*” em um ensaio que escrevi no final da disciplina. O real dever da educação é educar para a vida, “(...) a educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa – espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade social, espiritualidade” (DELORS, 2000, p.99). Por isso, aprendi que como educadora não devo restringir a educação somente a conteúdos formais, mas proporcionar uma educação que abarque o desenvolvimento das características expressas nos quatro pilares da educação Delors (2000): aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a viver com os outros; e aprender a ser.

Em Psicologia da Educação novamente estudei as fases do desenvolvimento humano. Apresentei um seminário em que abordava as polêmicas do início da juventude apresentado

como tema Sexualidade na Adolescência em que abordava os valores morais e sociais. Esse estudo foi relevante para que eu entendesse que o educador poderá se deparar com os mais diversos conflitos que estão presentes o ato de educar.

Também cursei a disciplina Educação e Trabalho, que me despertou o interesse em querer conhecer melhor essas duas vertentes e mais uma vez me levantou questões sobre estudo e trabalho, das dificuldades que o aluno tem que enfrentar e o papel do professor nesse contexto educacional.

Logo no próximo semestre estudei Orientação Educacional. Na Orientação a grande problemática estava no direcionamento de sua finalidade. Antes ela tinha caráter corretivo e direcionado para o atendimento aos alunos-problemas. Contudo, começa-se a reconhecer a verdadeira necessidade de um orientador e a especificar seu papel na sociedade, pois se percebe que a educação é influenciada não somente por fatores relativos à escola, mas também a fatores que estão diretamente relacionados à vida cotidiana do educando como a família, o trabalho e outros. Essa disciplina me mostrou a importância do papel do Orientador Educacional em torno do cotidiano escolar, que não se limita somente as tarefas de dentro da escola, mas que também faz a mediação dos alunos com as relações externas à ela como, por exemplo, com trabalho e a família.

Desde que comecei minha graduação já pensava em conhecer as diversas possibilidades de trabalho que o Pedagogo desenvolve em seus mais variados contextos. Por isso fiz projetos em diversas áreas. A primeira fase do Projeto 3 fiz na área Ensino Especial com o tema **Sujeito, linguagem e aprendizado**. Pesquisei a construção da aprendizagem a partir a relação do aluno com as diversas linguagens que são utilizadas no cotidiano escolar. Nesse projeto tive a primeira experiência de estar presente em uma sala de aula regular de uma escola de Brasília com um olhar de pesquisadora.

Na segunda fase do Projeto 3 embasados pela teoria de Moscovici, elaboramos um estudo com o tema *Representações Sociais da Escola: uma pesquisa realizada com alunos da 1ª e 2ª série do ensino regular de escolas públicas do DF*, utilizamos o programa de cálculo *Evoc 2003* para a análise de dados. Durante esse projeto entendi melhor como se dá o trabalho de pesquisa no campo educacional e com isso possibilitou encontrar problemáticas, levantar hipóteses, fazer embasamento teórico e buscar reflexões contundentes para solução de problemas. Dessa forma aprendi que o papel do professor está também no trabalho de

pesquisa onde poderá construir conhecimentos significativos de acordo com o contexto em que está inserido.

Desenvolvi a fase três do Projeto 3 participando de uma pesquisa de extensão que abrangia alunas de psicologia da faculdade IESB e da Católica e alunas de pedagogia da UNB. Mais uma vez tive a oportunidade de aprender o processo de desenvolvimento de uma pesquisa utilizando o vídeo como forma de coleta de dados.

No quinto semestre fiz a disciplina de Orientação Vocacional Profissional. Nesse período percebi a importância da orientação para o trabalho desde a infância, mas que geralmente ocorre somente no final do ensino médio, o que acarreta muitas dúvidas na hora da escolha da profissão.

No semestre seguinte comecei a fazer estágio não obrigatório no Banco Central do Brasil e uma das minhas funções era fazer o acompanhamento pedagógico dos adolescentes trabalhadores. O programa menor aprendiz propõe a oportunidade do primeiro emprego e o acompanhamento da vida escolar e familiar.

Fiquei muito empolgada em perceber que o que havia estudado em Orientação Educacional e Orientação Vocacional Profissional estava diretamente ligado aos problemas que encontrava no dia-a-dia do trabalho. Percebi que alguns adolescentes tinham dificuldades em conciliar o trabalho e a escola. Todos os bimestres eu observava o boletim escolar e percebia o baixo aproveitamento nas disciplinas da rede. Comecei a me questionar como a escola fazia o acompanhamento desses adolescentes que são trabalhadores? Também me questionava se os professores desses adolescentes tinham o conhecimento de que eles trabalhavam? Nesse trabalho percebi que alguns desses jovens estavam confusos em relação ao seu futuro, aos desejos que fazem buscar a realização de sonhos e a motivação para construir novos ideais. Com isso, fui alimentando os meus interesses em investigar esse aspecto dessa juventude.

Nesse mesmo estágio, também tive a experiência de trabalhar em um projeto de Educação de Jovens e adultos que foi oferecido para os trabalhadores terceirizados da limpeza que gostariam de voltar estudar, mas que por vários motivos não conseguiram dar sequência aos estudos no tempo previsto.

Nesse semestre tive a oportunidade de fazer a disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica em Orientação Educacional em que desenvolvemos uma pesquisa com a problemática *Há acompanhamento pedagógico ao adolescente trabalhador na relação Trabalho x Escola?* Nesse período percebi o quanto é importante que o professor dê oportunidade para que os

alunos construam coletivamente um plano de curso que abarque seus questionamentos e seus ideais, com a orientação necessária para um aprendizado significativo. Foi a partir dessas vivências que escolhi esse tema de conclusão de curso. Também influenciada pelo Projeto 4, que abordou a Pedagogia Empresarial, compreendi que o papel do pedagogo vai além das dimensões escolares, assumindo um novo perfil de trabalho podendo ser exercido em locais diferenciados como em pequenas ou grandes empresas. E dessa forma percebi que a função social da educação não se limita ao ambiente escolar.

Essa experiência foi um convívio com duas fases diferentes da vida, mas que se identificavam por causa de um só objetivo: querer aprender para construir uma nova realidade de vida. De um lado estavam os adolescentes que buscavam novas experiências e compreender o sentido da vida com as oportunidades que lhes eram apresentadas, com o domínio da tecnologia, mas com uma motivação camuflada. Do outro lado estavam os alunos do EJA com todo o desejo de querer recuperar o tempo perdido, de tentar acompanhar as novas tendências da modernidade e sonhar com um novo futuro. Por outro lado, eu me via tentando entender as problemáticas que estavam em torno dessas duas realidades e fazendo o possível para desenvolver o meu papel pedagógico.

A partir da minha vivência pessoal (trabalhar e estudar), na reflexão que a academia me proporcionou e na experiência no estágio no Banco Central é que escolhi como tema para o meu trabalho de conclusão de curso - Projeto 5: “Orientação Vocacional: a construção da autonomia do jovem trabalhador na relação com a família, a escola e a empresa”. Espero que com essa pesquisa possa contribuir para um melhor entendimento sobre o jovem em seus variados contextos de aprendizagem.

## Introdução

O envolvimento da escola, do trabalho e da família no crescimento social, cognitivo e afetivo de jovens trabalhadores é importante no desenvolvimento da autonomia na formação da identidade, e assim, no preparo para a vida adulta? A partir dessa questão este estudo tem como objetivo investigar a relação do jovem trabalhador nos diferentes contextos em que está inserido: escola, família e trabalho. E a contribuição desses espaços para construção de sua autonomia.

O trabalho é uma categoria central porque é um processo através do qual o homem transforma a natureza e ao mesmo tempo se humaniza. É neste sentido que ele se diferencia dos outros animais. Conforme Marx:

“O trabalho é, em primeiro lugar, um processo de que participam igualmente o homem e a natureza, e no qual o homem espontaneamente inicia, regula e controla as relações materiais entre si próprio e a natureza. (...) atuando assim sobre o mundo exterior e modificando-o, ao mesmo tempo ele modifica a sua própria natureza. Ele desenvolve seus poderes inativos e compele-os a agir em obediência à sua própria autoridade. (...) Mas o que distingue o pior arquiteto da melhor das abelhas é que o arquiteto ergue a construção em sua mente antes de a erguer na realidade”. (MARX, O capital, I, p. 197-198)

Portanto, é nessa perspectiva de humanização pelo trabalho que buscamos entender as escolhas dos jovens para a construção da sua autonomia, que ocorre através do trabalho como aprendizes no Banco Central do Brasil, com a intermediação do Centro Salesiano do Menor, que busca a formação pelo trabalho dos jovens de baixa, e a família como campo de exercício do aprendizado da autonomia em suas diferentes configurações.

Para isso, é imprescindível entender o que é autonomia. Ter autonomia é ter independência? Para muitos a autonomia está diretamente associada à independência, mas, existem diferenças. Vários autores expõem diversos conceitos sobre essa abordagem como Fleming (2005); Steinberg e Silverberg; (1986) e Noom (1999) citados por Wagner e Reichert, (2007) em seu estudo Autonomia na Adolescência e sua relação com seus estilos parentais. Segundo esses estudiosos a autonomia se distingue de independência por prever a tomada de decisões, pensamentos e sentimentos nos quais envolvam outros sujeitos. Mas, o quê e como a autonomia influencia na construção da identidade do jovem trabalhador?

Considerando que a autonomia sofre influências internas e externas de diferentes espaços, é relevante compreender quais são essas influências no âmbito da escola, do trabalho e da família. Como afirma Morin et. Al (1996) citado por Reichert e Wagner, (2007) que diz que é necessário conhecer que tipos de relações os jovens estabelecem em sua vida para a construção de sua autonomia. Dessa forma, este estudo engloba as relações de autonomia existente no ambiente familiar, escolar e empresarial.

No que diz respeito a autonomia familiar, é necessário identificar quais arranjos familiares ocorrem na sociedade atual. Leva-se em consideração que muitos desses jovens estão inseridos em diversos contextos familiares como: famílias com base em união livre; famílias monoparentais dirigidas pelo homem ou pela mulher; divorciados gerando novas uniões; mães / adolescentes solteiras que assumem seus filhos; mulheres que tem filhos através de “produção independente” (Silva, 2006, p. 02). Nesses ambientes diferenciados, do que tradicionalmente se considerava família, existem novas relações dos jovens para a construção de sua autonomia? O que isso pode influenciar na criação de valores do adulto que está em formação?

A autonomia, no que diz respeito aos estudos, está alicerçada no contexto escolar. Pretende-se analisar de que forma esses jovens trabalhadores se observam na organização de seus estudos, na conciliação de horários, na busca de oportunidades para a continuidade de sua escolarização, na autonomia de se decidir sobre o que fazer no futuro e quais são suas prioridades. Nesse contexto, de que forma a figura do educador contribui para a construção dessa autonomia? A escola também é responsável por exercer seu papel político na formação de sujeitos autônomos na busca de oportunidades e na luta por seus ideais que por vez, favorecerá aos jovens tomadas de decisões conscientes como na escolha profissional e na dedicação na busca de conhecimento.

Visto a dificuldade de conceituar juventude dentre as diferentes culturas, idades, e ideologias (SPOSITO, 2008) este trabalho teve foco nos jovens de faixa etária de 16 e 17 anos que são trabalhadores e estudantes. Esses jovens fazem parte do Programa Despertar que é desenvolvido no espaço do Banco Central do Brasil que tem como objetivo o primeiro emprego para jovens de baixa renda.

O Banco ainda oferece o Projeto Reforço Escola que proporciona aos adolescentes a busca por soluções de suas dificuldades escolares que tem como apoio os próprios

funcionários do órgão. Também oferece o Projeto Ler e Crescer em que os adolescentes tem a oportunidade pegar emprestado variados tipos de livros.

Os menores aprendizes do Banco Central estão distribuídos por vários departamentos que constituem a estrutura do órgão. Em cada departamento existe a figura do orientador que tem por função acompanhar o desempenho dos jovens em suas tarefas diárias, trocar informações sobre o comportamento do menor com a representante do Centro Salesiano (CESAM) e também fazer acompanhamento escolar por meio de análise do boletim escolar e orientando-os para a continuidade dos estudos. Nesse âmbito de parcerias, não havia nenhum profissional das respectivas escolas em que eles estudam que representasse ou tivesse contato direto no acompanhamento pedagógico desses jovens trabalhadores.

O Bacen tem parceria com o Centro Salesiano do Menor (CESAM), que é representado pela figura do educador. O educador salesiano cria espaços para que o jovem vivencie situações que lhe encaminhem para as escolhas certas. Aquelas escolhas racionais, norteadas por bons valores, que permitem a construção de uma vida repleta de sonhos e realizações.

O CESAM foi criado em 1859 por Dom Bosco pela necessidade de formação de jovens e tem como missão “contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e solidária, por meio da educação, evangelização e assistência social da juventude, especialmente a mais necessitada” (Em: <<http://salesianosdobrasil.org.br>>. Acesso em: 16 de Maio de 2011). O CESAM chegou ao Brasil no dia 14 de julho de 1883 no estado do Rio de Janeiro e hoje está presente em várias regiões. Os adolescentes são selecionados para o primeiro emprego através desse Centro onde levam em consideração vários critérios como a renda e a moradia. O trabalho que é desenvolvido tanto pelo Banco Central como também pelo Centro Salesiano do Menor é regido pela lei 10.097/00 (Lei do Menor Aprendiz) que dispõem entre outras questões sobre o trabalho voltado para a formação profissional.

O trabalho é um contexto que muitos alunos já estão inseridos ou buscam se inserir. Essa escolha está alicerçada pela contribuição que a empregabilidade pode oferecer para formação desses jovens. Leva-se em consideração que “o trabalho pode ser espaço vital de aprendizado, de socialização, de afirmação da identidade do jovem, inclusive de práticas sociais potencialmente libertadoras” (FREITAS et.al p.156). Por isso, o contexto do trabalho também pode influenciar na construção de uma autonomia ligada a responsabilidade em cumprimento de horários, na escolha profissional e nas conseqüências de seus atos. Assim

também, a iniciativa e a possibilidade de falar em nome próprio assumindo acertos e erros (Gonçalves 2007) e a administração do seu próprio dinheiro.

A importância da construção da autonomia desses jovens é responsabilidade dos educadores em geral, se atentando para o desenvolvimento desse adulto em formação. Ter autonomia contribui para a construção de um adulto autêntico, responsável e consciente de seus atos? Investigar a formação da autonomia no contexto familiar, escolar e do trabalho abrange também, a forma de conhecer e acreditar no jovem trabalhador dessa sociedade.

Por fim, objetivo foi compreender a construção da autonomia do jovem trabalhador na relação com a família, a escola e o trabalho. Para atingir essa meta buscou-se entender: De que forma a autonomia está sendo construída no trabalho na escola e na família? Em que momentos a autonomia é exercida pelos jovens estudantes e trabalhadores? A autonomia pode contribuir para a construção da vida adulta nos aspectos da organização dos estudos, atitudes no trabalho e no convívio familiar?



## **Parte 1 – O jovem trabalhador e a construção de sua autonomia**

### **1.1 – O que é ser jovem?**

A juventude é marcada por diversos acontecimentos na vida do indivíduo como a partida da família de origem; a escolha e início da vida profissional e a construção de outra família. É importante considerar também que esses acontecimentos estão relacionados com a sua função em seu contexto histórico, social, familiar, cultural e também sua individualidade (LEITE, 2003). Mas, de que forma esses aspectos influenciarão no adulto que está em formação?

Ser jovem pode estar vinculado tanto ao enfoque biopsicológico como também ao enfoque sociocultural. Os aspectos biopsicológicos estão voltados para a fisiologia do indivíduo, ou seja, a transição da adolescência para a fase adulta na abordagem da mudança que ocorre no corpo e na mente do sujeito. Já na análise sociocultural é considerado o comportamento desse sujeito no meio social, por isso se observa o jeito de falar, de se vestir, o seu gosto musical, o relacionamento com o “outro” entre outras características (Pochmann, 2004).

No Brasil a juventude é uma condição social que se está vinculada à uma faixa etária que congrega cidadãos com idade compreendida entre 15 e 29 anos e nessa perspectiva é que se objetiva políticas de direitos dos jovens partindo da própria diversidade que os contemplam (PAPA, 2006). Por isso, a necessidade de se trabalhar com o termo juventudes (SPOSITO, 2008), pois abrange e caracteriza indivíduos heterogêneos, cada qual com suas necessidades, buscas e realizações.

O que também é importante considerar que:

“Os jovens são indivíduos que estão sendo construídos com base nas suas características pessoais e nas informações, experiências e oportunidade propiciadas pela família e pelo contexto social em que vivem, aí incluídas as políticas públicas.” (KANSO, et.al. 2004)

A partir desses vários aspectos, e a transição para a vida adulta levam-se em consideração o contexto do trabalho da família e da escola que influenciam no aprendizado e na forma que esses jovens formam e exercem sua autonomia.

Os jovens dessa pesquisa congregam uma condição diferenciada – são jovens estudantes e trabalhadores. Mas, qual é a influencia do trabalho na juventude? É o que será analisado à seguir.

## **1.2 Do trabalho na Juventude**

O conceito de trabalho é modificado de acordo com seu tempo histórico e o contexto em que é desempenhado. Para algumas pessoas o trabalho vai além da sobrevivência e do lucro, pois agrega também a satisfação e o crescimento pessoal.

O trabalho na juventude para muitos jovens está relacionado com a necessidade de complementar a renda familiar. Dessa forma, é importante utilizar esse espaço para além do ganho material, essa pode ser a oportunidade da formação social, intelectual e a construção de valores que a convivência com o próximo proporciona.

O trabalho desempenhado em ONG's (Organizações não governamentais) abrange uma visão social em que não está embasado no lucro. As várias segmentações da sociedade, e isso também incluem as juventudes, contribuem para as contínuas transformações que o conceito de trabalho tem sofrido ao longo dos anos.

A evolução da tecnologia trouxe novos modos de organização do trabalho e com isso as profissões estão mais vulneráveis a modificações. A todo tempo surgem no mercado novas profissões, por isso é necessário atender a uma nova especialidade e focar nas discussões sobre as mais variadas profissões.

Hoje toda a sociedade está envolvida no trabalho. Desde os mais novos com emprego de menor aprendiz passando por aqueles com longa experiência – na expectativa pela aposentadoria – até os do grupo que preferem continuar trabalhando, pois encontram no trabalho a satisfação diária. Dessa forma percebe-se que o trabalho pode ser visto de variadas maneiras dependendo do contexto em que está inserido.

O trabalho, dependendo das condições que são oferecidas para o desenvolvimento de habilidades e aprendizado, é um contexto importante para socialização e afirmação de identidade que são fundamentais para a construção do sujeito adulto (LEITE, 2003).

Dessa forma, é importante observar se o contexto do trabalho exerce seus principais objetivos na formação e participação efetiva do sujeito na vida em sociedade.

A busca do trabalho pelo jovem pode se dar por diversos motivos e entre eles está a necessidade de colaborar com as despesas da família. Essa consciência da necessidade de contribuir ou de suprir as vontades materiais e psicológicas pode ser uma forma de construir sua autonomia e conseqüentemente o desenvolvimento de atitudes apresentada por LEITE (2003) como: respeitar e ser respeitado, ter responsabilidade e saber comporta-se no meio social.

Pochmann (2004) em seus estudos apresenta uma contextualização do trabalho desde as antigas sociedades agrárias até à perspectivas futuras. O Estado se impôs quanto ao trabalho somente pela sobrevivência. O ingresso de jovens no mercado de trabalho sem o objetivo de desenvolvimento intelectual e profissional foi proibido e para suprir a necessidade de sobrevivência outros benefícios foram garantidos como alimentação e bolsa de estudos visto que:

“Por meio de reformas tributárias, que capturavam parcela da renda dos riscos, foram encontradas formas públicas de financiamento da inatividade de crianças e adolescentes, pela oferta seja de serviços, como escola pública, seja de benefícios como alimentação e renda (bolsa de estudo), fundamentais para que os filhos das classes trabalhadoras tivessem acesso ao que somente era assegurado aos filhos das classes dominantes”. (POCHMANN, 2004, p. 218)

Ainda hoje, nem todos os jovens são favorecidos pela inatividade, ou seja, não são todos os que tem a oportunidade de que seus pais financiem sozinhos o seu tempo escolar. Como apresenta Frigotto.

“(…) cresceu o número de jovens que participam de trabalhos ou atividades dos mais diferentes tipos, como forma de ajudar seus pais a compor a renda familiar. E isso não é uma escolha, mas imposição de um capitalismo que rompe com os elos contratuais coletivos e os reduz a contratos individuais e particulares, e instaura o que Boaventura Santos (1999) denomina como *fascismo da insegurança*”. (FRIGOTTO 2004, p. 197).

Por esse motivo, muitos jovens buscam formas de conciliar o trabalho e os estudos utilizando dessa oportunidade o espaço de trabalho para agregar, na prática, saberes para sua formação. Em alguns programas como Jovem Cidadão, desenvolvido pelo governo de São Paulo, apresenta-se como pontos positivos do primeiro emprego o desenvolvimento de atitude como falar, ouvir, respeitar e a motivação pelos estudos. Assim também, no

programa de Capacitação Solidária pode ser percebido além da recuperação/elevação de auto - estima a melhoria nas relações familiares (LEITE, 2003).

A proposta de um trabalho para a juventude requer um aprendizado para além de um serviço técnico (mecanicista). Espera-se que esses jovens tenham a oportunidade de desenvolver diversas habilidades que serão importantes para a construção de sua vida profissional, social e pessoal. E para um aprendizado significativo a escola deve acompanhar o desenvolvimento do aluno trabalhador de forma articulada com seu ambiente de trabalho.

É interessante observar os modelos de educação profissional desenvolvidos em outros países. Nos Estados Unidos e no Canadá a formação está centralizada no ambiente escolar e tem como características: “a autonomia dos indivíduos na decisão sobre investimentos em formação, com pluralidade na oferta de cursos, baixa qualificação reconhecida em nível nacional e formação específica na empresa”. Já na Noruega e na Suécia a formação geral é de responsabilidade da escola e a formação específica é da empresa, mas financiado pelo governo (Pochmann, 2004).

Por fim, o trabalho na juventude dependendo do contexto em que é desenvolvida pode proporcionar um crescimento autêntico, porém é necessário que essa prática possa oferecer ao jovem além da ajuda financeira o aprendizado prático no exercício profissional.

### **1.3 – A normatização do trabalho na juventude – Lei do Menor Aprendiz**

No Brasil, no ano de 2000, foi sancionada a Lei 10.097 – Lei do Menor Aprendiz que fundamenta o trabalho do jovem de 14 à 18 anos em que apresenta em seu Artigo 429 a seguinte colocação:

“Os estabelecimentos de qualquer natureza são obrigados a empregar e matricular nos cursos dos Serviços Nacionais de Aprendizagem número de aprendizes equivalente a cinco por cento, no mínimo, e quinze por cento, no máximo, dos trabalhadores existentes em cada estabelecimento, cujas funções demandem formação profissional.”

A partir dessa Lei, o objetivo da formação profissional no Brasil está centrado no aprendizado pela prática, mas também envolve o curso de aprendizagem que está voltado para aulas de formação teóricas possuindo certificação o que obriga todas as categorias empresariais a se comprometerem com o exercício social e o oferecimento de oportunidades de qualificação e formação para os jovens.

Essa Lei estabelece também, que a duração do trabalho do menor aprendiz não poderá exceder seis horas diárias. O jovem aprendiz possui todos os direitos e benefícios trabalhistas e previdenciários que são compatíveis com o contrato de aprendizagem. E para ele, trabalhar, por mais duro que possa ser, é independência, realização e dignidade (LEITE, 2003).

A disposição do trabalho na juventude também é regulada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente no capítulo V em seu Art 63: A formação técnico – profissional nos seguintes princípios:

- I. Garantia de acesso e frequência obrigatória ao ensino regular;
- II. Atividade compatível com o desenvolvimento do adolescente;
- III. Horário especial para o exercício das atividades.

Em destaque também para o Artigo 68 em que trata das entidades que fazem a mediação do trabalho do menor aprendiz com o primeiro emprego, e nessa pesquisa é representada no papel do CESAM. Esse artigo diz que:

“O programa social que tenha por base o trabalho educativo, sob responsabilidade de entidade governamental ou não-governamental sem fins lucrativos, deverá assegurar ao adolescente que dele participe condições de capacitação para o exercício de atividade regular remunerada”.

Também é interessante observar o Artigo 69 que diz sobre a proteção no trabalho e garantia de profissionalização aos jovens.

“O adolescente tem direito à profissionalização e à proteção no trabalho, observados os seguintes aspectos, entre outros:  
I. Respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento;  
II. Capacitação profissional adequada ao mercado de trabalho”.

Dessa forma é importante refletir se realmente essa garantia de aprendizado profissional está sendo cumprida com o principal objetivo de garantir o aprendizado e crescimento profissional das juventudes em geral.

Por fim, a legislação brasileira no que tange sobre o trabalho na juventude é clara em relação ao objetivo do trabalho para o aprendiz. Para tanto é necessário observar se há

uma fiscalização direta para o cumprimento real dessas regulamentações o que pode ser proposta de pesquisa em outras oportunidades.

#### **1.4 – Autonomia x Independência**

A autonomia é definida como habilidade de pensar, sentir, tomar decisões e agir por conta própria (WAGNER; REICHERT, 2007). Mas de que forma essa autonomia é desenvolvida? O que diferencia a autonomia da independência?

Para Wagner e Reichert (2007) autonomia e independência não podem ser confundidas, pois, autonomia são decisões que envolvem também outros sujeitos e independência está ligada somente a sua individualidade. Dessa forma, o sujeito tem a independência para andar, falar, estudar por conta própria e por sua vez o sujeito tem a autonomia de decidir em ajudar ou não nas finanças da família, em estudar ou não para o vestibular e também buscar ou não o preparo para a vida profissional. Wissmann (2006) citando Vieira (1996) diz ainda que:

“Essencialmente, autonomia é a capacidade – para o desprendimento, reflexão crítica, tomada de decisões, e ação independente. Isto pressupõe, mas também requer, que o aprendiz desenvolverá um tipo particular de psicologia relacionada ao processo e conteúdo de sua aprendizagem. A capacidade para a autonomia será demonstrada tanto pela maneira como o aprendiz aprende quanto pelo modo que ele/ela transfere o que tem sido aprendido para outros contextos” (Vieira, 1996, p. 56).

Wagner e Reichert (2007) citando Bronfenbrenner, 1996; Fuentes, 2001; Oliva e Parra, 2001 afirmam que a formação do sujeito autônomo leva em consideração as variáveis internas e externas que estão correlacionadas com o sujeito. A auto-estima, a percepção do ambiente, as relações com autoridade e o desejo pela independência são algumas das influencias internas sofridas. A estrutura e comunicação familiar, a presença ou ausência de controle e o ambiente emocional são exemplos de influencias externas que condicionam o desenvolvimento da autonomia.

A autonomia seria por tanto a possibilidade dos jovens de tomar suas decisões sem portanto afastar de seus laços (amigos, família, professores etc.). Ou seja, a autonomia estaria ligada ao pensar e ao sentir independentemente dos desejos dos pais e dos amigos (WAGNER; REICHERT, 2007).

O desenvolvimento da autonomia do jovem contribui para a formação de sua vida adulta? Que papel exerce a escola, a família e o trabalho no desenvolvimento dessa autonomia? Para tais questões, é necessário entender de que forma esses contextos possibilitam que os jovens reflitam sobre sua participação na construção de sua história, dando significado a sua trajetória e sendo sujeitos ativos na sociedade em que estão inseridos.

Por fim, não basta somente desenvolver a autonomia. É necessário também valorizar e respeitar o seu exercício no meio social como apresenta Papa (2006, p. 06) “em termos políticos e sociais os jovens são sujeitos de direitos coletivos, sua autonomia deve ser respeitada, suas identidades, formas de agir, viver e se expressar valorizadas”.

## **Parte 2 - O Jovem Trabalhador no contexto da família da escola e do trabalho**

### **2.1 O Jovem na família – Novos Arranjos Familiares e a construção de sua autonomia**

Entender como se organiza a família nos dias de hoje é relevante para conhecer como acontece a base da educação atual. E para conhecer as raízes do comportamento do aluno trabalhador é necessário levantar alguns questionamentos como: Qual é a relação do aluno trabalhador com a família? De que forma se constitui a família do aluno trabalhador? Qual a contribuição que a família proporciona para esses jovens?

Na família é que se constroem os primeiros aprendizados sobre moral e ética e o entendimento dos valores. As imagens e valores construídos contribuirão para a constituição da estrutura física e psíquica para a formação de um jovem cidadão (Silva, 2006). A família está presente em vários momentos da vida e influencia em tomadas de decisão. Mas de que forma a família considera o jovem aluno e trabalhador? E qual acompanhamento que a família dá nas várias tomadas de decisões que o jovem exerce na sua transição para vida adulta?

Para Silva (2006) “a família é constituída de um grupo específico, com funcionamento e regras próprias, partilhando mitos e fantasmas, conscientes ou inconscientes, que permeiam tanto as situações de crise como as de sucesso do grupo”. Mas, Soifer citada por Silva (2006, p. 02) define família como:

“Estrutura social básica com entre jogo diferenciado de papéis, integrada por pessoas que convivem por tempo prolongado, em uma inter-relação recíproca com a cultura e a sociedade, dentro da qual se vai desenvolvendo a criatura humana, promovida pela necessidade de limitar situações narcísicas e transformar-se em um adulto capaz, podendo postular que a defesa da vida é o seu objetivo primordial”.

Soifer citada por Silva (2006, p. 2) afirma também que: a família é reservatório é um núcleo de pessoas que convivem em determinado lugar, durante um lapso de tempo e que se acham unidas (ou não) por laços consangüíneos. E assim Silva (2006) completa dizendo que:

“As transformações sociais e revoluções de valores ocorridas nas últimas décadas mostram que a família mudou; tem outra estrutura, mas não está desintegrada, apresentando um modelo que emerge, com força cada vez maior, em que cada um busca, na própria família ou por meio dela, sua auto-realização e seu próprio bem – estar”. (SILVA, 2006, p.20)

Os novos arranjos familiares abarcam muitas reflexões sobre a educação dos jovens, mas isso não leva a pensar no enfraquecimento da instituição familiar, mas no surgimento de novos modelos e arranjos familiares que se configura em Silva (2006, p. 02).

- Famílias com base em união livre;
- Famílias monoparentais dirigidas pelo homem ou pela mulher (sendo que grandes porcentagens destas famílias são dirigidas por mulheres);
- Divorciados gerando novas uniões (famílias recompostas);
- Mães / adolescentes solteiras que assumem seus filhos;
- Mulheres que tem filhos através de “produção independente” (sem companheiro estável).

Por consequência desses novos arranjos questiona-se de que forma essas estruturas podem influenciar na educação de estudantes e trabalhadores. Qual o papel que o jovem trabalhador exerce dentro da família? Como a família o enxerga?

## **2.2 O desenvolvimento da autonomia do jovem trabalhador na escola e no trabalho**

Grinspun (2010) afirma que o trabalho e a sua relação com a educação constituem um dos maiores temas da atualidade. Dessa forma, a educação e o trabalho são um dos fatores responsáveis pela formação dos seres humanos tanto nos aspectos cognitivos como também nas concepções de valores sociais e no desenvolvimento da autonomia.



A autonomia da aprendizagem, como afirma Little (1994, p. 431) “requer não só a aprendizagem, mas, aprender a aprender.” Grinspun (2010, pg. 117) aponta que “a atualidade desse debate deve-se ao efetivo papel que a escola tem em relação ao mundo da produção e à resposta que caberia a ela dar às necessidades decorrentes dos alvos econômicos, políticos e socioculturais dos trabalhadores enquanto classe”

A abordagem histórica do trabalho apresenta conceitos diferenciados no decorrer dos tempos. Grinspun (2010) entende que a noção de trabalho não se relaciona diretamente a qualquer atividade que o homem realize para sobreviver. E sua explicação perpassa períodos históricos do trabalho. Na escravidão o trabalho era visto como um instrumento de tortura. No século XII o trabalhador adquire nome e cidadania e comercializa sua mão-de-obra em troca de salário. No século XVIII a educação burguesa se preocupa com a formação da mão - de - obra para torná-la adequada às novas funções da fábrica e serviços modernos. Por fim, nos séculos XIX e XX o trabalho passa a ter uma abordagem política e histórica e conhecimento científico, tecnológico e político (GRISPUN, 2010, pp. 118-120).

Essa mesma autora aborda a Teoria do Capital Humano que identifica a escola como meio de preparação de mão-de-obra exigida pelo mercado. Mas, a estrutura de inserção profissional dos jovens abarca não somente a responsabilidade do Estado, da escola ou da empresa individualmente. Os três em conjunto – escola, família e o setor empresarial - contribuem na preparação e qualificação continuada da mão-de-obra como propõe Vultur (s/d). Dessa forma também deve-se considerar que “o direito do trabalhador à educação não se esgota na escola” (Grinspun, 2010, pg. 126 apud ARROYO s/d).

O ingresso de muitos jovens no trabalho ainda no período escolar firma um grande compromisso na relação escola e trabalho. A partir das análises das entrevistas apresentadas no trabalho de pesquisa de Vultur (s/d), as justificativas dos jovens na decisão de trabalhar e estudar simultaneamente são independência financeira e experiência profissional. Segundo a pesquisa de Vultur (s/d) dentre as estratégias utilizadas pelos jovens na relação escola e trabalho pode se configurar no abandono dos estudos, pois consideram a experiência profissional uma oportunidade de posteriormente terem outros trabalhos.

Segundo Grinspun (2010, pg. 123) apud Gramsci (1981), a escola é um aparelho ideológico do Estado e o fator contribuinte da hegemonia burguesa. A escola no desenvolvimento de sua função política e de acordo como aborda Saviani (2000) "A educação é sempre um ato político, a atividade educacional é sempre um ato político". Dessa forma deverá contextualizar a educação de acordo com a realidade vivenciada e para isso é

importante que os autores presentes na escola considerem e acompanhem seus educandos atendo-se para a condição de serem além de estudantes também trabalhadores.

O Orientador Educacional juntamente com a direção, o corpo docente, os pais e os demais autores que participam do processo ensino/aprendizagem possuem como função o acompanhamento dos adolescentes trabalhadores. Porém nem sempre essa função é exercida efetivamente. Grinspun (2010) apresenta como desafio de investigação do Orientador Educacional as formas de articulação entre a educação formal e não-formal e a aprendizagem no trabalho; o papel da educação geral e da formação profissional em um contexto de mudança tecnológica; o avanço no conhecimento das características e dinâmicas dos setores informais e de serviços; e o aprofundar da dimensão educativa implícita no processo de trabalho. Para tanto Grinspun (2010) apresenta que:

“A Orientação Educacional deseja contribuir para a formação dos trabalhadores não no sentido de sua concepção tradicional, pautada nas aptidões inatas do indivíduo, mas possibilitando a alunos/trabalhadores/cidadãos o acesso aos conhecimentos, a apropriação de instrumentos de ciências e de princípios teóricos e metodológicos construídos socialmente pelos homens, por meio de seu trabalho, como direito de todos”. (GRINSPUM,2010, pg. 129)

Em fim, a relação trabalho e escola são complexas, mas importante para a formação de um sujeito crítico nos seus diferentes contextos e papéis que exerce na sociedade. Abarcando valores aprendidos na escola que poderão refletir no desempenho de seu papel como trabalhador.

### **2.3 A transição para a vida adulta**

Para Kanso (2004) obter a estabilidade é a condição para o alcance da vida adulta. Cada sujeito em sua heterogeneidade passa por essa transição de acordo com sua condição de juventude e afirma que:

“Tomar a juventude como transição permite incorporar ao discurso da juventude os conceitos de processo, transformação, temporalidade e historicidade. (...) coloca-se em evidencia que a realidade juvenil é determinada por processo de transições desiguais, em que trajetórias diferenciadas exercem papéis diferenciados sobre as diversas maneiras de ser jovem.” (KANSO 2004, p.8 apud Casal, 1988)

Em um modelo mais tradicional, a transição para a vida adulta se baseava somente na saída de casa e na constituição de uma família. Isso, no entanto, foi modificando com passar do tempo. Hoje essa transição para a vida adulta se baseia também nas relações sociais e profissionais e a responsabilidade na tomada de decisões que são feitas independentemente da responsabilidade de outras pessoas.

Assim, cada jovem com as suas diferenças passa pela transição para a vida adulta de acordo com as oportunidades e experiências que são vividas na juventude. Essas experiências são diferenciadas, mas também estão ligadas ao contexto da escola, da família e do trabalho. Dessa forma, essa transição não é complexa pois para Casal:

“Como um processo complexo que envolve a formação escolar e a inserção profissional e familiar, articulando um sistema de dispositivos institucionais e processos biográficos de socialização que interfere na vida das pessoas desde a puberdade e conduzem à aquisição de posições sociais”. (KANSO, 2004. P. 13)

Por fim, as atitudes e tomadas de decisões que são feitas na juventude colaboram para a transição para a vida adulta. Assim, a autonomia construída nessa fase será relevante para os vários contextos da vida que demanda tomada de decisão e responsabilidades do sujeito adulto.

## **Parte 3 – Pesquisa empírica: A construção da autonomia no espaço da escola do trabalho e da família**

### **3.1 Apresentação**

A pesquisa empírica foi realizada através de questionários aplicados para uma população de 40 jovens trabalhadores no Banco Central do Brasil, ligados ao Centro Salesiano do Menor (CESAM).

### **3.2 Justificativa da escolha da população:**

Para a escolha da população foram considerados como critérios de participação:

1. Estudantes e trabalhadores: aqueles que além de estudar também exercessem trabalho formal como menor aprendiz;
2. Menores trabalhadores no Banco Central do Brasil;
3. Idade entre 16 e 17 anos;

### **3.3 Metodologia**

A pesquisa foi desenvolvida com os menores aprendizes do Banco Central do Brasil localizado em Brasília, Distrito Federal que atendeu ao seguinte critério: jovens que fossem simultaneamente estudantes e trabalhadores.

Para a composição do grupo utilizou-se os estudantes trabalhadores do turno matutino e vespertino do BC. Todavia, teve predominância de sujeitos do turno matutino por causa da viabilidade de contato da pesquisadora com esses sujeitos. Esses jovens cursam entre a 7ª e 8ª série do ensino fundamental e os três anos do Ensino Médio e a educação de Jovens e Adultos. No BACEN trabalham cerca de 138 menores aprendizes, dentre esses 40 sujeitos totalizaram a amostra dessa pesquisa.

Todos os participantes da pesquisa estudam em escolas públicas no Distrito Federal o que compôs um total de 31 escolas distribuídas em 11 cidades satélites.

A coleta de dados foi realizada por meio da aplicação de um questionário. A utilização desse instrumento se deve pelo fato de alcançar um maior número de jovens aprendizes em menor tempo, dando a possibilidade aos jovens de utilizarem das questões subjetivas para expressarem suas idéias e assim obter maior diversidade de informações.

O questionário conteve um total de 12 perguntas, em que se subdividiam em 04 grupos:

Grupo 1- refere-se aos dados pessoais como: idade, sexo, série, escola, cidade onde mora, com quem mora, renda familiar e quantidade de irmãos.

Grupo 2- quatro perguntas referentes à relação do adolescente com a família.

Grupo 3- quatro perguntas referentes à relação do adolescente com a escola.

Grupo 4- quatro perguntas referentes à relação do adolescente com a empresa na qual trabalha (Banco Central).

O questionário pode ser visualizado no Anexo 01 desse estudo. A análise do material foi realizada de maneira qualitativa e quantitativa. Divididas em categorias diferenciadas de acordo com cada situação apresentada. E em seguida elaborou-se algumas tabelas de forma didática para a visualização desses dados.

### 3.4 Apresentação e discussão dos resultados

Compreender o desenvolvimento e a construção da autonomia é um tema complexo e exige a abordagem de várias análises. Para tanto, o objetivo principal dessa pesquisa se configura na construção da autonomia no contexto da família, da escola e do trabalho. A análise dessa pesquisa está estruturada nos dados objetivos coletados como também alguns dados relatados de forma subjetiva nas justificativas de algumas repostas dadas pelos jovens. Para o sigilo dos participantes, esses dados estão representados por algoritmos numéricos.

De acordo com os dados coletados o número de participantes foi maior no sexo masculino (52,5%) do que no sexo feminino (45,5%) o que se pode constatar uma diferença de inserção no mercado de trabalho diferenciado para os dois gêneros o que pode ser analisado na tabela abaixo:

\*Tabela nº 01: Idade e sexo dos participantes.

<b>IDADE E SEXO</b>				
<b>SEXO</b>	<b>16 ANOS</b>	<b>%</b>	<b>17 ANOS</b>	<b>%</b>
MASCULINO	11	27,5	10	25
FEMININO	11	27,5	8	20

(Menores aprendizes Bacen/CESAM, Maio – 2011)

Os sujeitos da pesquisa estão distribuídos em 33 escolas públicas da rede de ensino do Distrito Federal. É interessante perceber que as maiores partes desses jovens estão cursando o 1º ano do ensino médio 32,5%. Essa porcentagem decai nos anos decorrentes. No segundo ano do ensino médio a porcentagem chega a 25% mantendo a mesma média no 3º ano do ensino médio. Também há a participação dos jovens da modalidade Educação de Jovens e Adultos com 2,5%. Essas e outras amostras podem ser visualizadas no quadro abaixo:

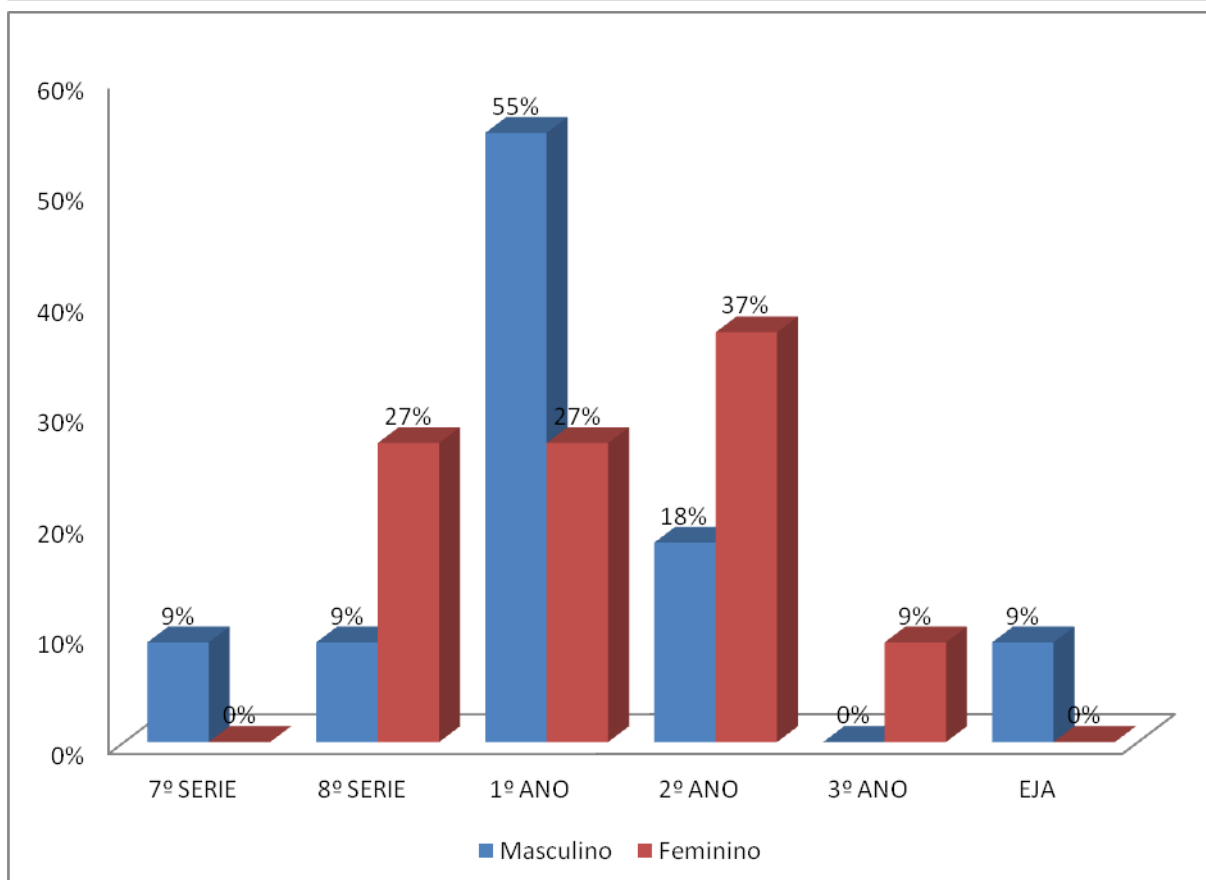
Tabela 2 – Escolaridade.

SÉRIE		%
7º SERIE/ ENS. FUNDAMENTAL	1	2.5
8º SERIE / ENS. FUNDAMENTAL	5	12.5
1º ANO/ ENS. MÉDIO	13	32.5
2º ANO/ ENS. MÉDIO	10	25.0
3º ANO/ ENS. MÉDIO	10	25.0
EJA	1	2.5

(Menores aprendizes Bacen/CESAM, Maio – 2011)

O que também é notável é que a maior quantidade de alunos do sexo masculino cursa o 1º ano do ensino médio e esse número sofre um decréscimo no 2º ano do ensino médio. Já no sexo feminino acontece o inverso, do 1º o 2º ano esse número sofre um acréscimo de 10% concentrando uma maior quantidade de meninas adolescentes no 2º ano.

**Gráfico 1 – Relação entre sexo idade e escolaridades**



A escola no desenvolvimento da autonomia do jovem tem como função criar possibilidades de que o sujeito possa se organizar para buscar significado para sua aprendizagem. Assim afirma Wissmann (2006) citando MARTINS e SÁ “autônomo, gestor de seu processo de aprendizagem, capaz de por si só dirigir e regular este processo” (2001, p. 26).

Dessa forma, também é possível observar de que maneira essas escolas percebem esses alunos trabalhadores. O que foi constatado nos dados da pesquisa é que a escola reconhece que o aluno é trabalhador por ele chegar cansado, atrasado ou por entregar uma declaração de trabalho. Será que somente por esses meios esses jovens trabalhadores demonstram suas necessidades e anseios? E seu aprendizado é significativo e contribui para a construção de sua autonomia?

Dos jovens que responderam a pesquisa 25% disseram que a escola não reconhece sua condição de aluno trabalhador. Em meio às justificativas do não reconhecimento da escola na visão dos jovens trabalhadores, os principais motivos foram:

- “Acho que eles não ligam para o que a gente faz, eles só querem que nós aprendamos o que eles nos ensinam”; (Jovem 3).
- “Se chego atrasada, eles não compreendem e me mandam voltar para casa”; (Jovem 17).
- “Eles nunca perguntaram sobre o meu trabalho e além do mais, são muitos alunos e pouco tempo para conversar”; (Jovem 30).
- “Eles não conhecem a minha vida pessoal e não ligam para isso”; (Jovem 10).

Esses jovens estão na condição tanto de estudantes como também de trabalhadores. E dessa forma, precisam organizar o tempo para que não se prejudiquem em nenhuma das tarefas. Essa organização do tempo demanda do adolescente uma autonomia quanto à decisão da hora de estudo, a hora do trabalho e a hora do lazer. Ou seja, o jovem trabalhador não terá o seu tempo total voltado somente para os estudos escolares, por isso deverá ser responsável na organização de suas prioridades.

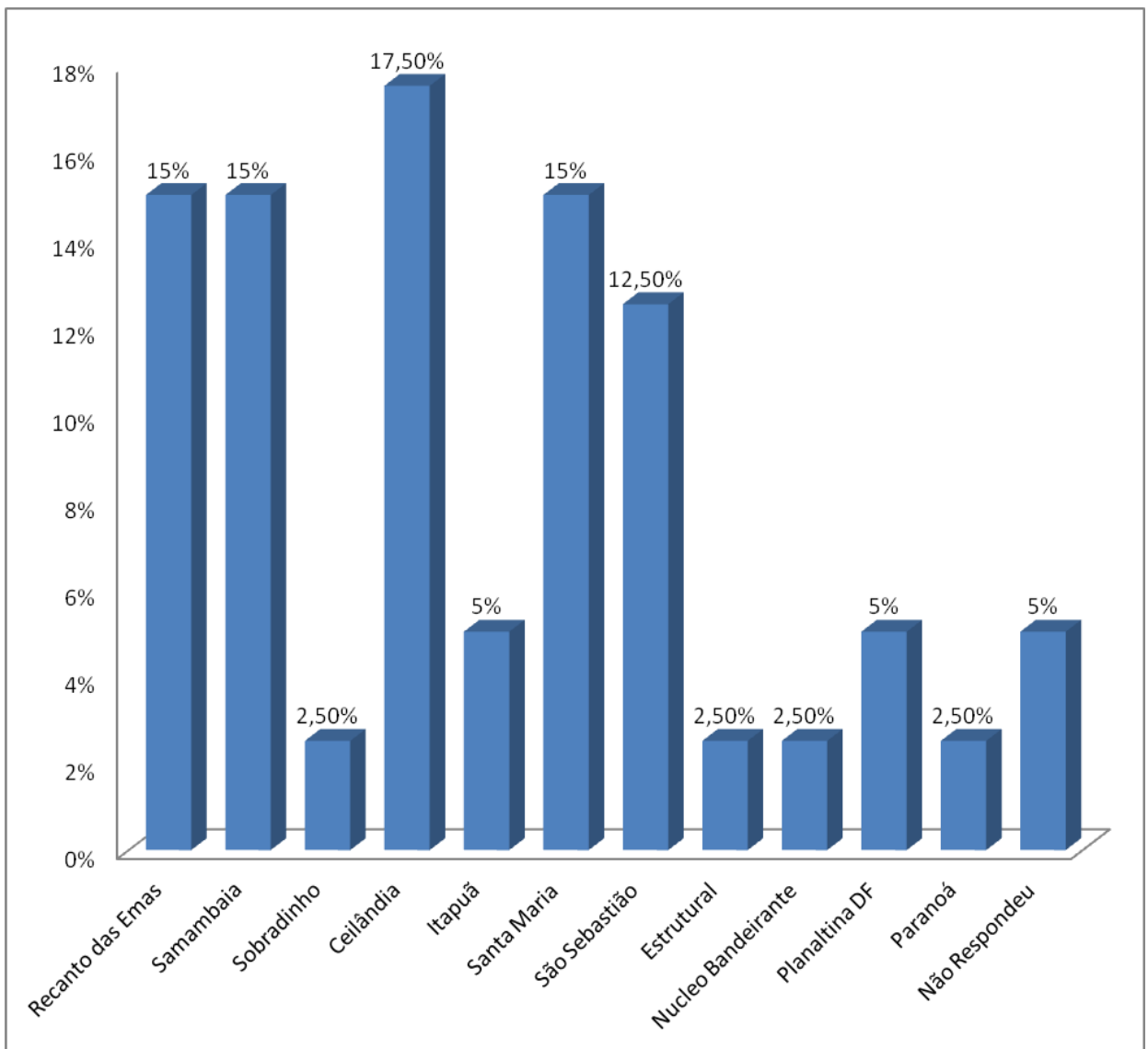
O mundo do trabalho proporciona relações sociais que possibilita o aprendizado e o crescimento com o outro essa abordagem é tratado por Vygotsky (1982) como apresenta:



“O sujeito é ativo, ele age sobre o meio. (...) o homem é visto como alguém que transforma e é transformado nas relações que acontecem em uma determinada cultura. O que ocorre não é uma somatória entre fatores inatos e adquiridos e sim uma interação dialética que se dá, desde o nascimento, entre o ser humano e o meio social e cultural em que se insere”.  
Neves e Damieni (2006, p. 7 e 8)

Esse contexto de trabalho relatado nessa pesquisa abrangeu jovens de 11 regiões administrativas do Distrito Federal o que englobam culturas diferenciadas convivendo em um mesmo espaço de trabalho. São localidades do entorno de Brasília e consideradas de baixa renda da região. Estão situadas até 40 km de seu trabalho no Banco Central . O gráfico nº 02 abaixo apresenta esses dados configurados por cada cidade e a abrangência de moradia dos participantes:

**Gráfico nº 02 - Local de Moradia.**



O contexto da família dos participantes foi investigado com o objetivo de entender de que forma o jovem trabalhador exerce sua autonomia na relação com seus familiares. Dos 40 jovens participantes da pesquisa 45% tem a figura materna como a principal mantenedora do lar; 5% moram somente com o pai; 35% moram com o pai e a mãe; os outros 15% responderam morar ou com a tia, ou com o padrasto, ou a madrasta, amigos ou com o irmão mais velho.

O que também foi percebido é que 95% dos jovens trabalhadores disseram colaborar com as despesas de casa sem que fossem obrigados pelos pais. Muitas das justificativas da contribuição com as despesas de casa envolvem o contexto familiar e pode ser observado em alguns relatos como:

- *“Sou a única que trabalho”;*
- *“Minha mãe sustenta a casa sozinha (não tenho pai) nem nada para nos ajudar”;*
- *“Ajudo quando sobra dinheiro, porque minha mãe não tem emprego fixo e deve demais”.*

A renda familiar está diretamente relacionada com a autonomia de contribuir com as despesas do lar. Levando em consideração a base do salário mínimo vigente no ano de 2011 R\$540,00. 75% dos participantes recebem de R\$ 540,00 até R\$ 1,080 reais o que representa o recebimento de até três salários mínimos; 17,5% recebem até R\$1.620 reais, e 5% recebem mais do que R\$1.620 reais.

Essa renda mensal já inclui o salário mínimo que esses jovens recebem no trabalho no Banco Central. O que se justifica quando 52,5% desses jovens afirmam que contribuem com as despesas uma vez que, a família precisa de ajuda financeira.

A habilidade de pensar e agir por conta própria (WAGNER; REICHERT, 2007) e nesse contexto, configura uma construção de autonomia, pois, de acordo com a necessidade, o jovem já estabelece suas prioridades e a tomada de decisão em que conscientemente percebem a necessidade de contribuírem financeiramente com as despesas da casa.

Outro dado importante para a configuração da família desses jovens foi a quantidade de irmãos apresentados. São 35% os que disseram ter dois irmãos, 15% disseram ter três irmãos, seguido por 27,5% que possuem mais de três irmãos; 22,5% possuem somente um irmão.

É inevitável negar a realidade desses alunos que são trabalhadores e precisam de uma atenção especial para que na escola tenha o acompanhamento adequado e que o primeiro emprego seja uma forma de incentivo para os estudos e o crescimento profissional e pessoal.

A iniciativa de participar nas despesas de casa, não somente pela autonomia, mas pela necessidade também pode ser um aspecto que contribui para a formação de um adulto com autonomia de ser autêntico e responsável no exercício de seus deveres, e isso pode ser percebido quando um jovem afirma que *“ajudo pelo fato de eu achar importante para a minha construção como ser humano e por eu gostar de fazê-lo”*. Dentre esses e outros aspectos é importante que professores e gestores estejam atentos para a vivência de cada aluno.

Dos 95% dos adolescentes que responderam contribuir com as despesas de casa, um pouco mais que a metade (52,5%) disseram colaborar com as despesas uma vez que a família precisa de *ajuda* financeira. E desses, 23,8% enfatizaram auxiliar a mãe visto que a maioria tem como sua responsável a figura materna. Dessa forma pode inferir-se que dentre esses adolescentes o sustento da casa está centralizado na mãe e com auxílio financeiro da parte desses jovens trabalhadores e estudantes.

Identificou-se ainda 10,5% responderam que colaboram com as finanças por causa da grande quantidade de despesas que a família possui. Outros 18,4% colaboram por acharem importante, certo e responsável.

Dentre os respondentes, 5% afirmaram não colaborar com as despesas de casa porque os pais não gostam que eles ajudem ou porque os pais não pedem essa ajuda.

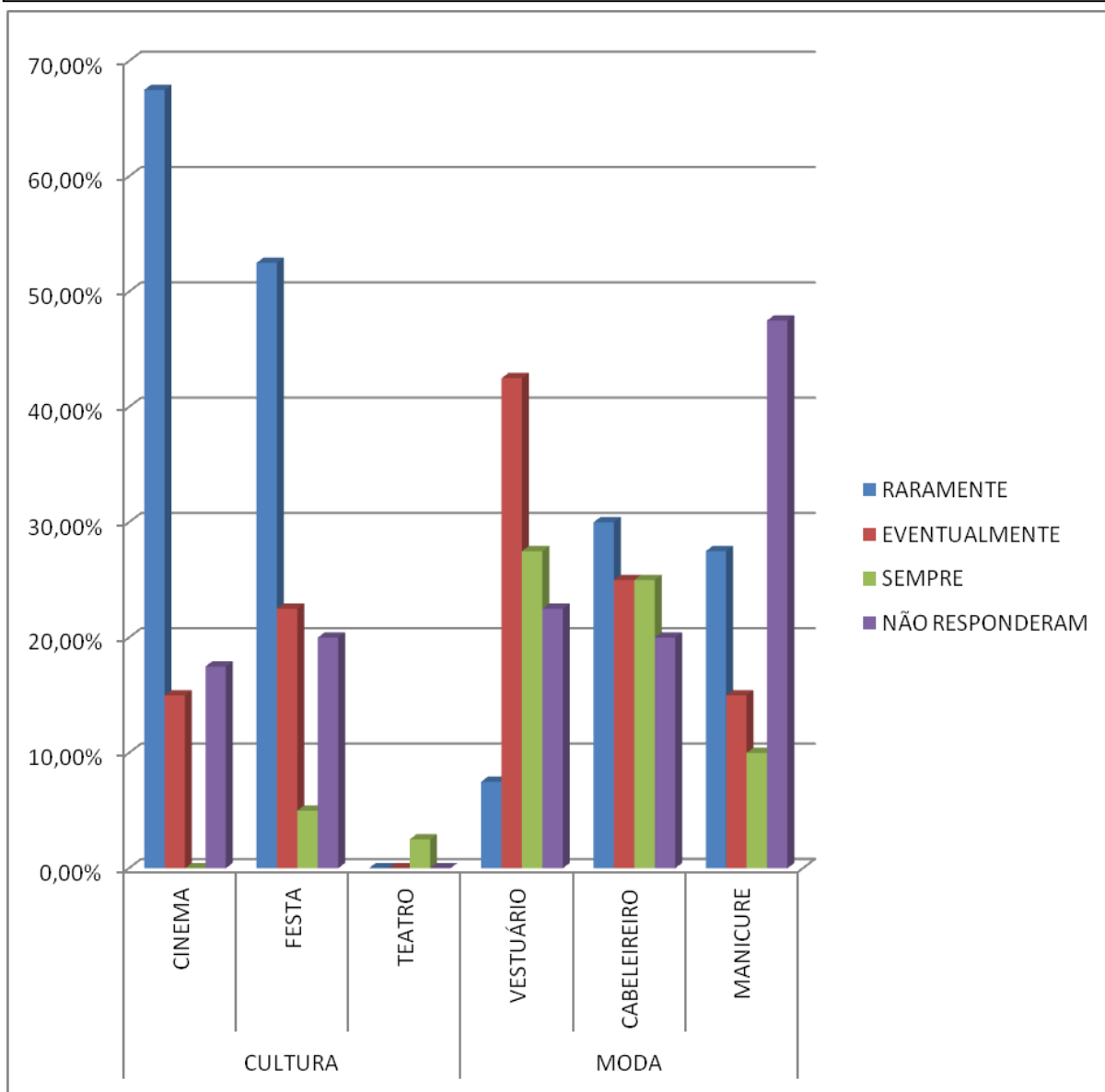
A colaboração desses jovens com as finanças da família se dá por diversas formas. Desses jovens, 52,6 % fornecem o cartão para as despesas com a alimentação da família. 44,7% pagam alguma conta seja de água, luz, telefone. Os outros 2,6% se dividem entre custear suas próprias despesas *“colaboro sendo um filho que paga suas próprias contas”*; e também no pagamento do aluguel da casa.

Desses jovens 75% disseram não ter influências dos seus pais na questão de seus gastos, ou seja, se eles colaboram em casa são por outros diversos motivos citados anteriormente, mas não pelo fato de serem obrigados pelos pais. Os 25% que disseram sofrer influências dos pais nos seus gastos com alguns conselhos como: *“falam para eu gastar com*

*coisas úteis”; “para não fazer dívida”; “sempre me lembram para gastar menos, fazer um curso; explicam como é mais benefício para eu gastar com coisas necessárias”.*

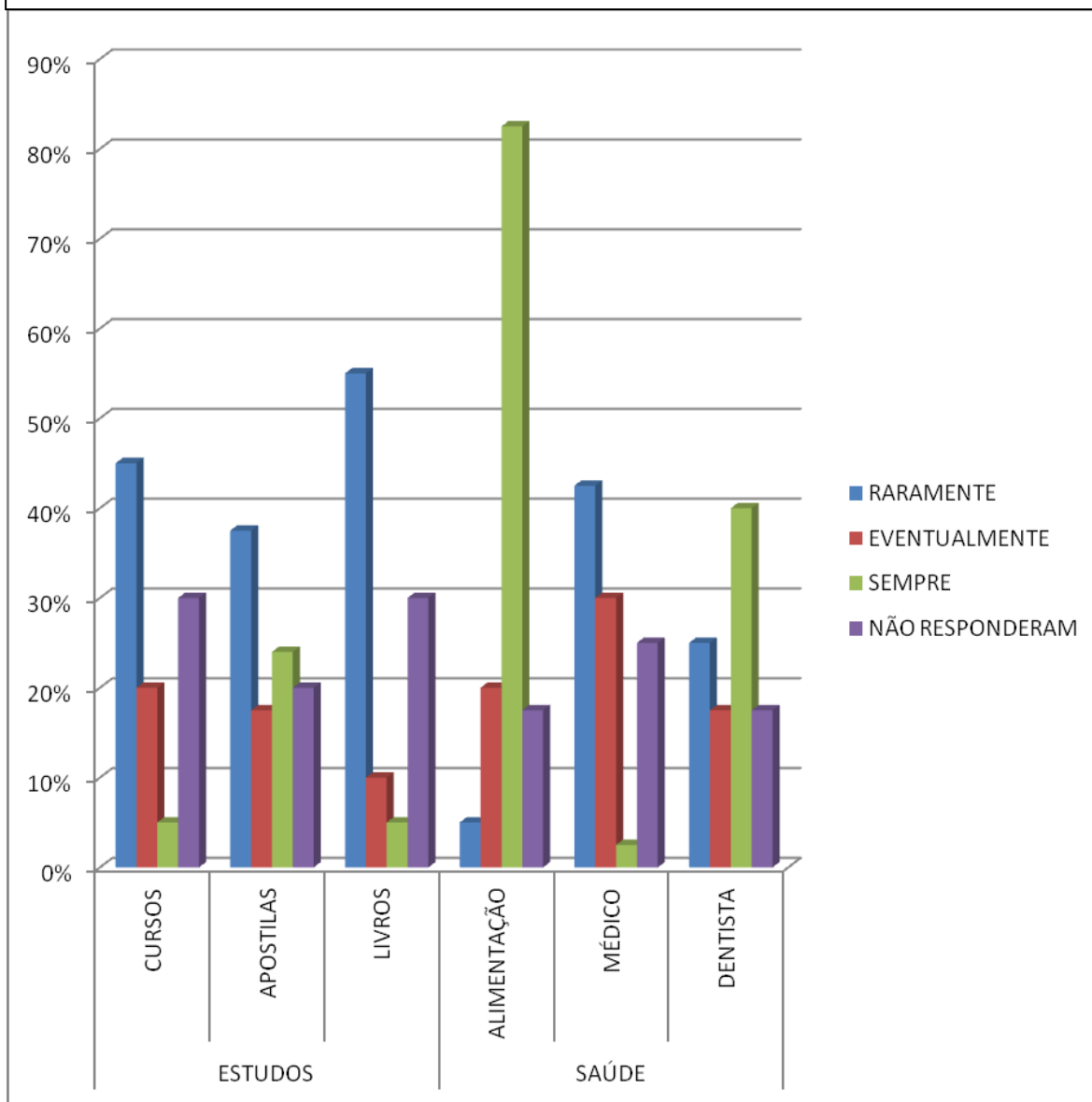
A autonomia que esses adolescentes possuem na escolha do que gastar com o seu salário pode influenciar no adulto que está em formação. O que você faz com o seu salário? Foi uma das perguntas que constou no instrumento de pesquisa com objetivo de verificar se esses participantes utilizam o seu trabalho para seu próprio consumo ou se na maioria das vezes é uma forma de somente ajudar nas despesas da família. Cultura, estudos, moda, saúde e aparelhos eletrônicos foram alguns itens apresentados no questionário e que os participantes numerariam de acordo com a frequência que gastam seu salário com tais produtos. Os gráficos n.º 03 e n.º 04 apresentam a relação da análise dos dados da pesquisa em questão:

**Gráfico nº 03:** Gastos com cultura e moda.



Dentre essas categorias quase 70% dos jovens responderam que raramente gastam com cinema e 51% afirmaram que raramente gastam com festas. Ir ao cinema além de proporcionar um lazer, também influencia na convivência social e assim contribui para o raciocínio crítico do sujeito. Mas, porque então esses resultados se apresentaram de forma negativa?

**Gráfico nº 04:** Gastos com estudos e saúde.



O gráfico nº 04 apresenta a alimentação como o principal gasto desses jovens, seguido da consulta no dentista e a compra de apostilas. Dados importantes que demonstram as prioridades que os jovens dão aos seus gastos.

O resultado da pesquisa nesse aspecto mostra que esses jovens utilizam de diferentes espaços para seus estudos, visto que, em uma parte do tempo estão no trabalho e outra na escola. Assim, 37% disseram que fazem as tarefas e trabalhos escolares em casa ou na empresa. Isso mostra que o espaço de trabalho oferece a possibilidade desse jovem estudar nos momentos vagos e que se eles utilizam de sua autonomia para organização de seu tempo é que já tomam decisões relativas ao futuro.

A pesquisa também retratou a atitude dos jovens trabalhadores em relação a palestras e oficinas que são oferecidas no ambiente de trabalho. O desenvolvimento da autonomia desses

jovens pode estar ancorada no sentido e na importância que dão a esse momento de aprendizagem, por isso alguns trechos foram extraídos do instrumento de pesquisa que apresenta uma forma de pensar e tomar decisões em relações ao futuro.

Para essa organização de tempo foi questionado aos jovens se eles tinham algum auxílio na escola para a elaboração de plano de estudo ou um acompanhamento diferenciado na sua formação, 82,5% disseram não ter nenhum auxílio da escola para conciliar o tempo de estudo e o tempo de trabalho. Isso demonstra um distanciamento do espaço escolar para com as questões relativas à realidade do educando, pois esses aspectos influenciam diretamente em sua aprendizagem. Em relação a organização do tempo na conciliação dos estudos e do trabalho: 37,5% disseram fazer as tarefas escolares em casa e no trabalho; 27,5% disseram utilizar somente o espaço de casa para realizar as tarefas escolares; outros 27,5% se dividiram entre os espaços da biblioteca, da escola e na casa de amigos.

Na visão dos jovens participantes, 72,5% afirmaram que a escola reconhece a sua condição de aluno trabalhador. Dentre as justificativas desse grupo quase 14% afirmaram que a escola reconhece porque alguém da escola perguntou. Outros 14% justificaram que a escola reconhece pelo fato desses alunos entregarem ou pegarem algum documento que envolva a escola e o trabalho como: cópia do contrato de trabalho, declaração de trabalho, ou declaração escolar. São 17,5% os que afirmaram que a escola reconhece que eles são trabalhadores porque os professores percebem de alguma forma, seja por eles chegarem com o uniforme da empresa, ou atrasados, ou até mesmo cansados. Outros 8% afirmaram que avisam para a escola que são alunos trabalhadores; 13% disseram se destacar nas atividades escolares. Nessa porcentagem infere-se que o aluno é participativo e por isso os professores conhecem a sua história. Dentro dessa mesma abordagem 25% dos participantes responderam que a escola não reconhece a sua condição de aluno trabalhador e outros 5% não responderam a questão.

Ainda em relação ao espaço escolar, 82,5% responderam não ter nenhum auxílio na escola para conciliar o tempo de estudo e o tempo de trabalho, 15% responderam que o professor (a), o diretor (o) e os amigos auxiliam nessa organização do tempo e 2,5% não responderam a questão.

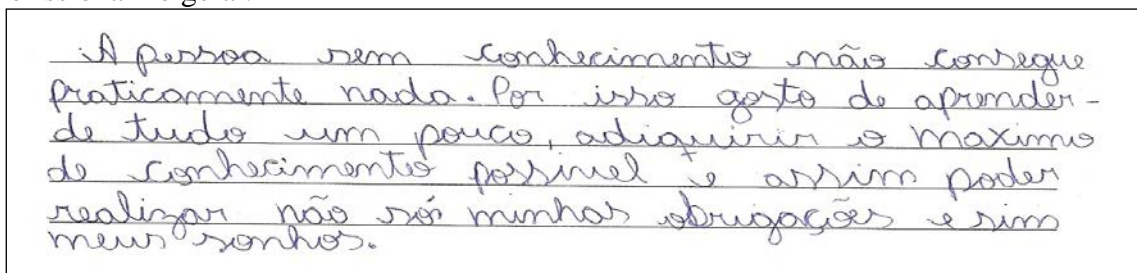
A autonomia dos jovens trabalhadores também pode ser retratada no investimento em sua educação. Dos participantes da pesquisa 70% responderam não estarem em nenhum curso. Somente 20% responderam cursarem alguns cursos como: administração; inglês; artes marciais; dança; manicure; informática profissionalizante; secretariado; e informática básica.

Dessa maneira percebe-se que esses jovens não possuem um acompanhamento formal no ambiente escolar como, por exemplo, a organização de um plano de estudo e nas atividades que são propostas na sala de aula.

Dos jovens participantes 90% responderam que utilizam o seu tempo livre que possui no local de trabalho para os estudos. Desses jovens, 27% disseram utilizar o computador do trabalho para fazer pesquisas escolares, 15% fazem tarefas escolares, 12% leem apostilas ou livros, 8% disseram estudar para as provas bimestrais. Somente 10% dos participantes responderam não utilizarem o tempo no local do trabalho para os estudos.

No local de trabalho 60% dos jovens disseram ter auxílio nas tarefas escolares de pessoas do próprio órgão. Dentre esses jovens 37,5% disseram que existem pessoas dentro do Bacen preparadas para os ajudar. Outros 22,5% disseram ter auxílio de professores, colegas e dos pais.

Algumas palestras e oficinas com temas educativos são oferecidos pelo Bacen para seus menores aprendizes. No instrumento de pesquisa foram apresentadas cinco alternativas que demonstrasse o porquê da participação desses jovens nesses eventos, e 12,5% disseram ser obrigados a participar desses eventos. As justificativas foram de diferentes formas: 7,5% desses jovens disseram que se não fosse obrigatório muitos não participariam; outros 5% disseram que apesar de serem obrigatórias algumas são interessantes e eles aprendem muito. Outros 30% responderam que gostam de conhecer sempre mais, dentre esses jovens, 11 justificaram que essas palestras proporcionam o conhecer/aprender e o preparo para o futuro; apenas um jovem disse que essas palestras o ajudam a sair da rotina do trabalho. Já 57,5% responderam que essas palestras são importantes para sua vida profissional e que de alguma forma proporcionam conhecimento, o preparo para o mercado de trabalho e a vida profissional no geral.

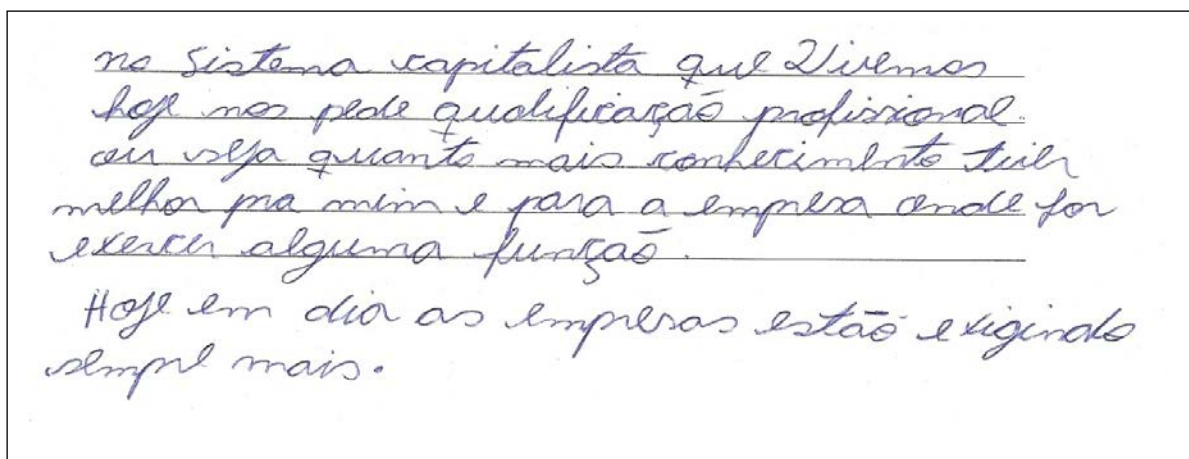


A pessoa sem conhecimento não consegue praticamente nada. Por isso gosto de aprender de tudo um pouco, adquirir o máximo de conhecimentos possível e assim poder realizar não só minhas obrigações e sim meus sonhos.

A autonomia de pensar e fazer escolhas para o futuro também foi demonstrada na pesquisa, onde 57% dos jovens justificaram sua participação em alguma palestra e oficinas

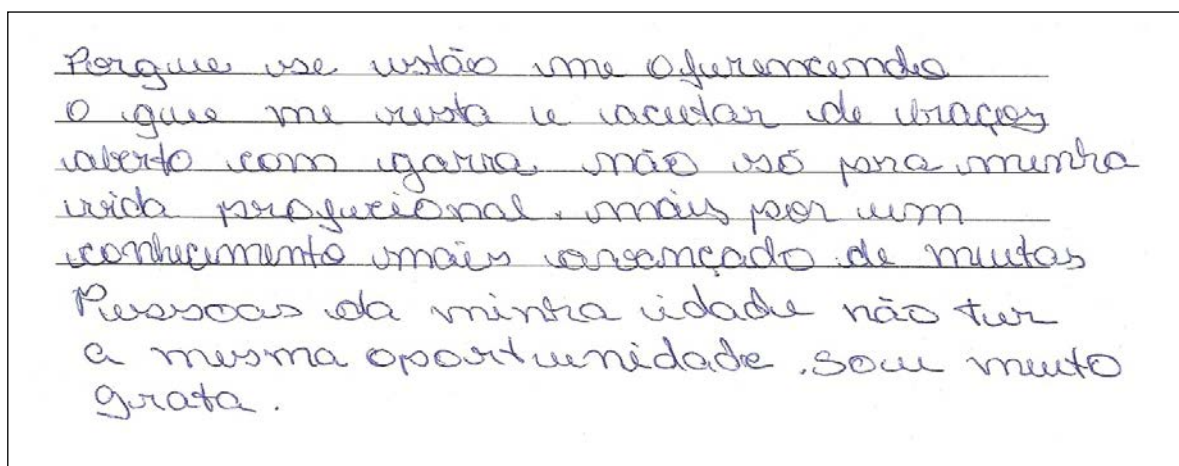


(oferecidas no ambiente de trabalho do BC) por se preocuparem com o futuro profissional como foi apresentado em uma das justificativas da pesquisa:



no sistema capitalista que vivemos  
hoje nos pede qualificação profissional.  
eu sei quanto mais conhecimento tiver  
melhor pra mim e para a empresa onde for  
exercer alguma função.  
Hoje em dia as empresas estão exigindo  
sempre mais.

Assim, também essa autonomia de pensar na formação para além da vida profissional está relatada no trecho abaixo. Por causa dos erros ortográficos, coerência e coesão que foram percebidos nesse estudo, se torna necessária uma reflexão acerca do preparo que a escola oferece para a inserção profissional que também é uma preocupação para os educadores em geral mesmo não sendo objetivo dessa pesquisa. Isso pode servir para outras pesquisas. Dessa forma se pensa em uma “inclusão excludente” (KUENZER, 2002) na medida em que os alunos frequentam a escola, mas não dominam a forma culta da língua materna.



Porque use estão me oferecendo  
o que me custa e vacilar de ideias  
aberto com garra não só pra minha  
vida profissional, mais por um  
conhecimento mais avançado de muitas  
Pessoas da minha idade não ter  
a mesma oportunidade. Sou muito  
grata.

Por fim, as reflexões decorrentes desse tema não se esgotam nesse trabalho. Essa pesquisa dá a oportunidade para outras reflexões em outras abordagens. O que se deve considerar é a importância do tema para o trabalho dos educadores em geral, isso envolve a

família, a escola e o trabalho. É essencial que se perceba que a vivência das juventudes de forma que proporcione a oportunidade de aprendizado e a construção de sua autonomia contribuirá não só no presente com ajuda financeira, mas também, para a formação do adulto no amanhã que se espera estar estavelmente inserido no mercado de trabalho e exercendo o papel de educador na formação familiar.

## Considerações Finais

Mediante a análise dos dados apresentados pela pesquisa é possível perceber que o jovem trabalhador exerce sua autonomia tanto no contexto da família, da escola quanto do trabalho.

A autonomia do jovem na família se apresenta na atitude de colaboração com as despesas da casa onde por muitas vezes isso ocorre por necessidade de ajudar financeiramente com a renda familiar. Isso porque, a maioria das famílias dos jovens participantes da pesquisa ganha de R\$ 540,00 até R\$ 1,080 reais por mês. Também foi possível concluir que como nova forma de arranjo familiar, a mãe é a figura mais presente na família desses jovens como provedora do lar. Para tanto uma educação financeira seria uma sugestão de projeto a ser desenvolvido juntamente aos jovens trabalhadores, visto que a realidade demanda uma organização econômica com visão de futuro.

O jovem trabalhador tem sua preocupação para além do auxílio financeiro. Ele utiliza dessa oportunidade para agregar conhecimento que contribuirá para o seu crescimento pessoal e profissional pois, o trabalho o ajuda a perceber que essa experiência contribui para a formação de seu futuro e crescimento profissional.

Organizar o tempo para o trabalho e o estudo foi uma das questões abordadas nessa pesquisa. Até que ponto o jovem trabalhador consegue administrar seus horários? Será isso prejudicial para o seu aprendizado teórico? O que é percebido a partir dessa pesquisa é que o trabalho no Banco Central oferece espaço e projetos para que esses jovens possam fazer seus trabalhos e tarefas escolares e com mediação de profissionais do próprio órgão.

A escola ainda é pouco presente na preocupação quanto ao jovem que é aluno e trabalhador, visto que na pesquisa quando foi questionado a esses jovens se a escola reconhece que eles são alunos trabalhadores as respostas foram insuficientes e irrelevantes. Especificamente pelo fato dos professores, coordenadores e gestores só percebem a realidade desses alunos por eles chegarem atrasados, cansados ou quando precisam pegar alguma documentação para levar ao trabalho.

Como proposta pedagógica, a escola, o trabalho e a família deveriam trabalhar conjuntamente no desenvolvimento pessoal e intelectual desses jovens, na medida em que, esses alunos se encontram em condições diferenciadas dos demais alunos e para isso, o papel do Orientador Educacional seria essencial no acompanhamento do aprendizado desses jovens e na construção de uma Orientação Vocacional, além de possibilitar uma contribuição para a formação da vida adulta, e o preparo para o mercado de trabalho.

Outra questão preocupante que não foi objetivo de estudo nessa pesquisa, mas, inevitavelmente é necessário refletir é a forma que a escola prepara esses alunos para a escrita. Muitos erros ortográficos, de coerência e concordância foram percebidos, visto que a maioria dos participantes estão cursando o Ensino Médio. Esse preparo será refletido nos jovens que estarão no mercado de trabalho do amanhã. E como serão esses trabalhadores? Qual será o domínio da língua culta? Como será a competição com o mercado estrangeiro? Essas questões poderão ser propostas de pesquisa em outras oportunidades.

As reflexões relacionadas aos jovens trabalhadores não se esgotam nessa pesquisa. Muitos outros questionamentos poderão ser levantados na medida em que o trabalho na juventude seja tratado de forma coerente, isso porque, o trabalho também contribui para a formação social, intelectual e pessoal de cada sujeito. E a autonomia é uma característica a ser desenvolvida na colaboração da família, do trabalho e da escola. Por isso a necessidade de se confiar responsabilidades e acreditar que esses jovens contribuem significativamente para a construção de uma sociedade ativa e criativa.

## **Perspectiva de Atuação Profissional**

Na minha trajetória acadêmica sempre questioneei a presença da escola, da família e do trabalho no desenvolvimento do jovem. Essas questões ainda foram mais debatidas com os trabalhos na área de Orientação Educacional e Orientação Vocacional. A experiência com o trabalho em ambiente não escolar que tive no Banco Central me possibilitou perceber a importância da educação no envolvimento com outros contextos. O trabalho nesse órgão me possibilitou a prática de elaboração de projetos, regência em sala de aula e a convivência com as juventudes.

A academia me proporcionou reflexões que colaboraram para a construção de meus ideais na medida em que me ensinou que todos os sujeitos tem o direito à construir um aprendizado significativo à medida que participo dessa mediação para o conhecimento. Por isso meu papel como pedagoga deve ser exercido tanto de forma política, como social e educacional. Por isso pretendo dar continuidade a abordagem dessa pesquisa, pois vejo que é necessário um maior aprofundamento acerca desse tema o que pode colaborar para uma relação mais significativa entre escola e aluno trabalhador. Sendo que é necessário que a educação possa reconhecer a realidade de cada sujeito.

Tenho um grande desejo de continuar essa pesquisa para colaborar com a formação das juventudes e sua transição para a vida adulta. Por isso, espero contribuir para uma nova percepção sobre o aluno trabalhador, pois é uma realidade que não pode ser negada, mas sim trabalhada de forma conjunta com o Estado no desenvolvimento de políticas públicas, na interação com a família e a escola.

Pretendo dessa forma, continuar essa linha de pesquisa no mestrado e doutorado. E com oportunidade, continuar a desenvolver o trabalho com menores aprendizes, agora no Banco do Brasil, empresa que recentemente comecei a trabalhar como funcionária do quadro. Dessa forma, espero poder colaborar com a sociedade no preparo da transição da juventude para a vida adulta e assim construir cidadãos conscientes e responsáveis na formação de sua história.

## Referências Bibliográficas

DELORS, Jacques et al. **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez/UNESCO, 2000.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidade, desafios e perspectivas**. In: NOVAES, REGINA E VANNUCHI. **Juventude e Sociedade: trabalho, Educação, cultura e participação**. São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo, 2004. Juventude - Aspectos Sociais e Políticas Públicas.

GRINSPUN, Mírian P. S. Zippin. A Orientação educacional: conflitos de paradigmas e alternativas para a escola. Cap. 7 A Orientação Educacional face às questões do trabalho. 4. Ed – São Paulo: Cortez, 2010.

KANSO, Solange. PASINATO, Maria Tereza. Mello, Juliana Leitão e. CAMARANO, Ana Amélia. Caminhos para a vida adulta : As multiplas trajetórias dos jovens brasileiros : Última Decada nº 21, CDIPA Valparaíso, Dezembro 2004. Disponível em : <http://www.scielo.cl/pdf/udecada/v12n21/art02.pdf>

KUENZER, Acacia Zeneida. Exclusão includente e inclusão excludente: a nova forma de dualidade estrutural que objetiva as novas relações entre educação e trabalho. Capitalismo, trabalho e educação. 2002. Disponível em: [http://forumeja.org.br/go/files/13%20Exclusao%20Includente%20Acacia%20Kuenzer\\_1.pdf](http://forumeja.org.br/go/files/13%20Exclusao%20Includente%20Acacia%20Kuenzer_1.pdf)

LEI Nº 10.097 - DE 19 DE DEZEMBRO DE 2000 - DOU DE 20/12/2000. Disponível em: <http://www010.dataprev.gov.br/sislex/paginas/42/2000/10097.htm> Acesso em: 15 de Abril de 2011.

LEITE, Elenice Moreira. **Juventude e Trabalho: criando chances, construindo cidadania**. In: FREITAS, Maria Virginia de; PAPA, Fernanda de Carvalho (org.) **Políticas públicas: juventude em pauta**. São Paulo: Cortez: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação: Fundação Friedrich Ebert, 2003.

NEVES, Rita de Araujo. DAMIANI, Magda Floriana. **Vygotsky e as teorias da aprendizagem.** UNIrevista - Vol. 1, n° 2 : abril 2006. Disponível em: <http://www.miniweb.com.br/educadores/Artigos/PDF/vygotsky.pdf>

PAPA, Fernanda de Carvalho (orgs.) et. al. **Política Nacional de Juventude: diretrizes e perspectivas.** São Paulo: Conselho Nacional de Juventude; Fundação Friedrich Eberth, 2006. Disponível em: <http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05611.pdf> Acesso: 19/06/2011.

POCHMANN Marcio, **Juventude em busca de novos caminhos no Brasil.** In: FREITAS, Maria Virgínia de; PAPA, Fernanda de Carvalho (org.) **Políticas públicas: juventude em pauta.** São Paulo: Cortez: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação: Fundação Friedrich Ebert, 2004.

SAVIANI, Dermival. **Educação do Senso Comum ao termo filosófico:** 13 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2000. (Coleção educação contemporânea). Cap IX.

SILVA, Flávia Mendes Silva; FILHO, Mário José, OLIVEIRA, Nayara Hakime Dutra de. **Antigos e Novos Arranjos Familiares: Um estudo das Famílias atendidas pelo Serviço Social.** Unesp – C Franca: Pesquisa financiada pela Proex.

WAGNER, Adriana; REICHERT, Claudete Bonatto, Autonomia na Adolescência e sua relação com estilos parentais. Revista Psico: v. 38, n° 03, p. 292 – 299, set./dez. 2007. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article> Acesso: 02/04/2011.

WISSMANN, Liane Dal Molin. Autonomia em EaD – uma construção coletiva. In: POMMER, Arnildo; SILVA, Enio Waldir da, WIELEWICKI, Hamilton de Godoy, WISSMANN, Liane Dal Molin Wissmann, VERZA, Severino. **Educação superior na modalidade a distância – construindo novas relações professor-aluno.** Série Textos Didáticos. Ijuí: Editora Unijuí, 2006.

VULTUR, Mircea. **Les jeunes et le travail. Deuxième partie: Insertion Professionnelle et lien études-travail.** Chapitre 6 La structuration de l'insertion professionnelle dès jeunes par les modes de recrutement des entreprise. Les Éditions de L'QRC, 2007. (Tradução de Daniela Abreu Fernandes)

Homepage oficial da **Intero**. Website: <http://www.intero.com.br/blogdaagilis/blog/?cat=77>

Acesso em: 18 de Abril de 2011

Homepage oficial. **Salesiano**. <http://salesianosdobrasil.org.br> Acesso em: 16 de Maio de 2011.



## ANEXO



Universidade de Brasília – UnB  
Faculdade de Educação – FE  
Aluna: Daniela Abrêu Fernandes

Este questionário tem por objetivo verificar a construção da autonomia de jovens trabalhadores na relação com a família, a escola e o trabalho. Agradecemos a sua participação e informamos que sua identidade não será revelada, não precisando ser informado o seu nome.

### Questionário

Idade: \_\_\_\_\_

Sexo: ( ) Masculino      ( ) Feminino

Série: \_\_\_\_\_

Escola: \_\_\_\_\_

Cidade onde mora: \_\_\_\_\_

Com quem mora:

( ) Pai e mãe.

( ) Só Pai.

( ) Só Mãe.

( ) Avós.

( ) Outros: \_\_\_\_\_

---

Qual é a renda aproximada de sua família:

( ) 1 Salário mínimo;

( ) 2 Salário Mínimo;

( ) 3 Sálario Mínimo;

( ) Mais de 3 salários mínimos.

Quantos irmãos você possui:

( ) 1 irmão.

( ) 2 irmãos.

( ) 3 irmãos.

( ) Mais de 3 irmãos.

( ) É filho único.

### NA FAMÍLIA...

1) Você colabora com as despesas de casa: ( ) Sim. ( ) Não.

2) Com o quê você geralmente colabora em casa?

---

---

3) Os seus pais influenciam nos seus gastos?

( ) Sim. Como? \_\_\_\_\_

( ) Não

4) Enumere em grau com o que você gasta o seu salário colocando 1 para raramente; 2 para eventualmente; e 3 quando for sempre:

**Cultura:** ( ) cinema ( ) festas ( ) livros ( ) outros: \_\_\_\_\_

**Estudos:** ( ) cursos ( ) apostilas ( ) livros

**Moda:** ( ) vestuário ( ) cabelereiro ( ) manicure

**Saúde:** ( ) alimentação ( ) médico ( ) dentista

### NA ESCOLA...

1) Em que momento você faz os seus trabalhos escolares?

---

---

2) A escola reconhece que você é um aluno trabalhador?

( ) Sim, porque \_\_\_\_\_

---

( ) Não, porque \_\_\_\_\_

---

3) Você faz algum curso? Qual? \_\_\_\_\_

4) Na escola, alguém te ajuda a conciliar o seu tempo de estudo com seu tempo de trabalho?

( ) Sim. Quem? \_\_\_\_\_

( ) Não.

## NO TRABALHO...

- 1) No trabalho você utiliza algum tempo para estudar? Sim ( ) Não ( )
- 2) Quando necessita, você tem auxílio com as tarefas escolares?  
( ) Sim. De quem? \_\_\_\_\_  
( ) Não.
- 3) Você participa de oficinas, palestras, dinâmicas que são oferecidas pela empresa em que trabalha?  
( ) Sim, porque \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
( ) Não, porque \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_.